

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

CESAR RAFAEL RAMOS DOS SANTOS

HINO DO MARANHÃO: ANÁLISES METAFÓRICAS ORIENTADAS À TRADUÇÃO
EM LIBRAS.

SÃO LUÍS – MA

2024

CESAR RAFAEL RAMOS DOS SANTOS

HINO DO MARANHÃO: ANÁLISES METAFÓRICAS ORIENTADAS À TRADUÇÃO
EM LIBRAS.

Trabalho de Dissertação do Mestrado em Letras,
apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da
Universidade Federal do Maranhão, como requisito para
a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro

Coorientadora: Prof. Dra. Sandra Patrícia de Faria-
Nascimento

Linha de pesquisa: Descrição e análise do português
brasileiro e de outras línguas naturais

SÃO LUÍS – MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Cesar Rafael Ramos dos.

Hino do Maranhão: análise Metáforas Orientadas à Tradução em LIBRAS / Cesar Rafael Ramos dos Santos. - 2024.

86 p.

Coorientador(a) 1: Sandra Patrícia de Faria-Nascimento.

Orientador(a): Monica Fontenelle Carneiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2024.

1. Tradução. 2. Metáforas. 3. Libras. 4. Hino do Maranhão. I. de Faria- Nascimento, Sandra Patrícia. II. Fontenelle Carneiro, Monica. III. Título.

CESAR RAFAEL RAMOS DOS SANTOS

HINO DO MARANHÃO: ANÁLISES METAFÓRICAS ORIENTADAS À TRADUÇÃO
EM LIBRAS.

Trabalho de Dissertação do Mestrado em Letras,
apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da
Universidade Federal do Maranhão, como requisito para
a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro

Coorientadora: Prof. Dra. Sandra Patrícia de Faria-
Nascimento

Linha de pesquisa: Descrição e análise do português
brasileiro e de outras línguas naturais

APROVADO EM: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro
Orientadora - UFMA

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria-Nascimento
Coorientadora - UnB

Prof. Dr. Claudio Henrique Nunes Mourão - UFRGS

Prof. Dr. Warley Martins dos Santos- UFSC

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha avó Nilza e a meu irmão Carlos Renan (*in memoriam*), do mais íntimo do meu coração. Carrego em minha memória a lembrança dela, atravessando o Rio Mearim para uma escola rural¹, professora da alfabetização no interior de São Luís Gonzaga, amava as partilhas de suas histórias. E a meu irmão, ousado sonhador, que encheu, e ainda preenche, mesmo que em memória, nossas vidas, com sua música e alegria. Esta dissertação é uma homenagem a vocês.

¹ Trizidela é um povoado do município de São Luís Gonzaga no Maranhão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, força maior que me conduz e acalenta com sua constante companhia, preenchendo o vazio da minha existência, trazendo-me vivacidade e festividade no viver, como está escrito: “O Senhor Deus me deu a língua instruída, para saber a palavra que ampara o cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido, para que eu ouça como discípulo” (Isaías, 50:4). Sua presença me guia a cada passo, me orientando e fortalecendo a cada novo desafio.

Agradeço aos meus pais, Silvia Helena e Renê Alves, pela condução nem sempre fácil da minha criação em condições desafiadoras, mas que, guiados pelo amor e por Deus, me conduziram até aqui. Minha mãe, eterna estimuladora de minha escrita. Desde os tempos de minha infância, revisora paciente dos meus processos de escrita, investindo naquilo que um dia foi só uma promessa.

Sou grato aos amigos e colegas que, ao longo da minha vida, contribuíram para eu ser quem sou hoje. A cada um que me incentivou, desde a submissão do projeto ao programa PgLetras, em tempos desafiadores. No período de entrevista para o programa estava me recuperando da saúde e tive um grande suporte de amigos de verdade, que partilham tristezas e alegrias do desafiador processo de dar vida a uma pesquisa responsável, que contribua com os estudos acadêmicos para alcançar além dos muros. Agora, agradeço nominalmente a algumas pessoas muito especiais nesse processo.

Não conseguirei nominar a todos, mas há aqueles que foram extremamente importantes a mim, como meu amigo-irmão, Dr. Anderson Almeida; ao meu constante e sempre presente amigo Dr. Claudio Henrique Nunes Mourão, mesmo morando longe; ao meu colega de jornada, Mestre Matheus Lopes, com quem dividi muito esse caminho; à minha amiga que, para mim, faz parte da minha família, Profª. Especialista Roselane Martins; e ao Prof. Especialista Rubens Almeida, que não mediu esforços para somar nessa pesquisa, mesmo com a correção de rota que foi necessária à pesquisa, sua contribuição tem sido extremamente valiosa a mim.

À doutoranda Gilmara Costa e a Mestra Grazielle Fraga, que chegaram à reta final e contribuíram de modo significativo com seus apontamentos, permitindo que, por fim, essa pesquisa pudesse engrenar. Ao Prof. Dr. Wharley Martins dos Santos, que sempre solícito, aberto a ensinar e trocar conhecimentos. À Professora Drª. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, que aceitou o desafio de me coorientar no final desse percurso, mas que fez

significativa diferença. Agradeço ao Dr. Daltro Roque Carvalho da Silva Junior, que compartilhou comigo vários momentos desse processo acadêmico. Fomos grandes parceiros, sempre dando força um ao outro; e à Thag Ferreira Santos, amiga e, sempre, grande incentivadora da minha jornada acadêmica.

Minha gratidão também à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Mônica Fontenelle Carneiro, que caminhou comigo desde o início desse árduo sonho até aqui. Apesar dos percalços que cada um de nós enfrentou durante esse período, celebramos juntos os louros da realização desta pesquisa, que enriquece a área de investigação, no estado do Maranhão.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – PGLetras/UFMA, com seus professores e funcionários, que sempre se mantiveram disponíveis para orientação e apoio. Sou grato à Universidade Federal do Maranhão, que oferece um ensino de qualidade transformador, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), que fornece as condições para que os formandos aprofundem seus conhecimentos, expandam horizontes e concretizem seus sonhos de maior titulação.

Haveria ainda uma lista imensa de pessoas a quem eu precisaria agradecer, pois sei que sou quem sou e estou onde estou porque, pelas bênçãos de Deus, tive comigo pessoas sensíveis que me acolheram e incentivaram. Algumas delas não têm a dimensão de como a atenção dispensada a mim foi significativa. A elas, peço que os céus as surpreendam com muita vivacidade no viver.

*Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir
a ordem superficial que nos pressiona tanto.*

(Lya Luft).

RESUMO

Esta pesquisa busca identificar os desafios da traduzibilidade das metáforas presentes no Hino do Maranhão no processo de tradução da língua portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira (Libras). A temática é relevante, pois as metáforas desempenham um papel essencial nas línguas naturais, e a sua transposição para a Libras requer uma análise cuidadosa sobre as construções de sentido. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza aplicada, com o objetivo de explorar as possibilidades de transposição de sentidos na elaboração de uma versão traduzida, fundamentando-se na teoria da tradução funcionalista, de Christiane Nord (2016). A análise teórica é embasada na Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (2002), com contribuições complementares dos estudos das metáforas em Libras, com o estudo de Faria-Nascimento (2003); todos mostra como as metáforas refletem experiências sociais. A justificativa para este estudo se baseia na necessidade de uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelos tradutores ao transferirem as metáforas de uma língua para outra, tendo em vista que essas construções são intrinsecamente ligadas à cultura e às experiências dos grupos de falantes. O Hino do Maranhão comporá o corpus de análise, sendo um texto que contém metáforas com forte carga cultural e social, o que representa um desafio à tradução para a Libras. O objetivo principal do estudo foi produzir, ao final, uma versão da tradução que contemplasse as metáforas do texto fonte no texto alvo. As etapas do processo incluíram: (i) identificação das metáforas no texto em português, (ii) realização de uma primeira versão de tradução para a Libras, (iii) identificação dos trechos correspondentes, e (iv) análise da equivalência de sentido entre os textos, possibilitando reflexões sobre a tradução, com base na teoria de análise linguística. A pesquisa culmina com uma segunda versão da tradução, seguida de um comentário sobre os problemas tradutórios identificados e as soluções propostas, considerando os desafios enfrentados no processo de transposição de sentidos especialmente metafóricos.

Palavras-chave: Tradução, Metáforas, Libras, Hino do Maranhão.

ABSTRACT

This research aims to identify the challenges of translating the metaphors present in the *Hino do Maranhão* in the process of translation from Portuguese to Brazilian Sign Language (Libras). This topic is relevant because metaphors play an essential role in natural languages, and their transposition into Libras requires careful analysis of meaning construction. The research adopts a qualitative, applied approach, seeking to explore the possibilities of meaning transposition in the development of a translated version, based on Christiane Nord's (2016) functionalist translation theory. The theoretical analysis is grounded in the Conceptual Metaphor Theory (Lakoff & Johnson, 2002), with additional contributions from studies on metaphors in Libras (Faria-Nascimento, 2003), which demonstrate how metaphors reflect social experiences.

The justification for this study is based on the need for a deeper understanding of the challenges translators face when transferring metaphors between languages, considering that these constructions are intrinsically linked to the culture and experiences of speaker groups. The *Hino do Maranhão* serves as the corpus for analysis, as it contains metaphors with strong cultural and social significance, which pose a challenge for translation into Libras.

The main objective is to produce, in the end, a translated version that incorporates the metaphors from the source text into the target text. The process includes identifying the metaphors in the Portuguese text, creating an initial translation into Libras, identifying corresponding passages, and analyzing the equivalence of meaning between the texts, allowing for reflections on translation based on linguistic analysis theory. The research will conclude with a second version of the translation, followed by a discussion of the identified translation challenges and the proposed solutions, considering the difficulties encountered in the meaning transposition process.

Keywords: Translation, Metaphors, Libras, Maranhão Anthem.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Observação das características relacionadas à tradução e à interpretação.....	24
Quadro 2: Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática.....	29
Quadro 03: Panorama de versões na Libras dos hinos dos estados brasileiros, publicados.....	41
Quadro 4: O esquema adaptado do processo de ação tradutória de Nord (2016).....	55
Quadro 5 – Fatores extratextuais e intratextuais na análise textual em tradução (adaptada de Nord, 2016).....	57
Quadro 6: Imagem ilustrativa e QR Code da 1ª Versão da Tradução do Hino do Maranhão..	58
Quadro 7: Imagem ilustrativa e QR Code da 2ª Versão da Tradução do Hino do Maranhão..	59
Quadro 8: Análise das Metáforas Conceituais da 1ª estrofe (versão 1).....	61
Quadro 9: Análise das Metáforas Conceituais do refrão (versão 1).....	62
Quadro 10: Análise das Metáforas Conceituais da 2ª estrofe (versão 1).....	63
Quadro 11: Análise das Metáforas Conceituais da 3ª estrofe (versão 1).....	64
Quadro 12: Análise das Metáforas Conceituais da 4ª estrofe (versão 1).....	65
Quadro 13: Análise das Metáforas Conceituais da 5ª estrofe (versão 1).....	66
Quadro 14: 1ª versão da tradução e da 2ª versão da tradução.....	71

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Revista Eletrônica da Academia Ludovicense de Letras, Vol.3, Nº 2 (2006).....	48
Figura 2: Ilustração de Godóis no IHGM - Ocupantes de Cadeiras: Leopoldo Gil Dulcio Vaz, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo (Organizadores), São Luís, 2013.....	49

LISTA DE SIGLAS

ASL – *American Sign Language* (Língua de sinais americana)

ALEMA – Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

ASMS – Associação dos Surdos do Maranhão

CAS-MA – Centro de Atendimento as Pessoas Surdas do Maranhão

CM – Configuração de Mãos

ETILS – Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais

ET – Estudos da Tração

EI – Estudos da Interpretação

INI – Iniciador

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

JTV-UFMA – Jornal da TV UFMA

L2 – Segunda Língua

LP – Língua Portuguesa Libras – Língua de Sinais Brasileira

LSB – Língua de Sinais Brasileira

M – Movimento

PB – Português Brasileiro

PIB-MA – Primeira Igreja Batista do Maranhão

SEMALI – Seminário Mãos Literárias do Maranhão

TMC – Teoria das Metáforas Conceituais

TILS – Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais

TILSP – Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais e Português

TF – Texto Fonte

TA – Texto Alvo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
2 TRADUÇÃO.....	19
2.1 O tradutor/pesquisador onde se insere	19
2.2 Tradução x Interpretação	21
2.3 Modalidades das línguas na tradução.....	25
2.4 Tradução reflexões teóricas	28
3 METÁFORA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	31
3.1 O que são metáforas.....	31
3.2 A metáfora conceitual e a construção de sentido.....	32
3.3 Metáforas Conceituais.....	33
3.4 Conceitos adotados.....	35
4 TRADUÇÃO DE HINOS.....	37
4.1 Hino como gênero textual.....	37
4.2 Hino Nacional.....	37
4.3 Hinos Estaduais	40
5 A PESQUISA E SEUS PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	45
5.1 Hino do Maranhão.....	45
5.2 Maranhão: Hino e Autor.....	48
5.3 Caracterização da pesquisa.....	49
5.4 Etapas da pesquisa.....	51
5.5 Diário de Tradução.....	53
5.6 Categorias de análise.....	55
5.7 Processos de tradução.....	57

6 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS.....	59
6.1 Metáforas Conceituais do Hino do Maranhão.....	60
6.2 Versão 1 & versão 2.....	70
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar as metáforas presentes no texto do hino do Maranhão e a sua traduzibilidade do português brasileiro escrito para a língua de sinais brasileira, em vídeo, além do uso de estratégias de tradução empregadas por cidadãos brasileiros surdos, sem que se percam, nesse processo de tradução, as camadas de sentido viabilizadas pelas metáforas que os licenciam. Nosso intuito foi produzir um texto que gerasse um efeito semelhante àquele gerado no texto fonte.

Por que escolher traduzir um hino? E por que, em especial, o hino do Maranhão? Os motivos que nos levaram a escolher essa temática, incluem, entre os mais relevantes: (i) apresentar para o cidadão brasileiro surdo, mas, principalmente ao cidadão maranhense surdo, toda a riqueza presente no hino que fala sobre sua terra; (ii) apresentar essa produção poética numa versão acessível, pois, de acordo com o artigo 13, § 2º da Constituição Federal de 1988, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios podem ter símbolos próprios (BRASIL, 1988), sendo patrimônio que se faz ouvir em diferentes cerimônias por sua função oficial e sociocultural no âmbito estadual e nacional; (iii) apresentar a construção de sentido por meio de expressões metafóricas que enriquecem este texto/poema cujos efeitos poéticos e, principalmente, cívicos são de amor, fidelidade, respeito e honra.

Como tradutor e intérprete do par linguístico Português-Libras, vivenciei inúmeros momentos em solenidades em que precisei executar a interpretação do Hino do Maranhão e pude perceber que, assim como eu, meus pares, colegas intérpretes, também se viam nessa situação de precisar cumprir sua tarefa, sem conseguir que os mesmos efeitos que as metáforas presentes na letra do hino causavam no público ouvinte, repercutissem no público surdo. Isso também é agravado pela ausência de uma versão da tradução do hino oficial ou que sirva de referência. Daí em diante, esse questionamento tem me acompanhado e instigado a buscar compreender como poderia produzir uma versão da tradução dessas metáforas que não necessariamente só as despissem de suas camadas de sentido poéticas e que causasse o mesmo efeito quando da apreciação dos surdos.

No Brasil, avançamos nas conquistas legais e marcos históricos e podemos apontar a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua de Sinais Brasileira – Libras; o Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005, que regulamenta e diz que a Libras deve ser incluída como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores, tornando a Libras como primeira língua dos surdos e o português na modalidade escrita a sua segunda língua. A Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão do intérprete de Libras,

foi atualizada pela Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, sobre o exercício da profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete. Para garantir acessibilidade, o povo surdo brasileiro vem conquistando visibilidade e reconhecimento. Mourão (2011), ao citar Strobel (2006), explica que o povo surdo não é definido apenas por critérios geográficos, mas por laços culturais compartilhados. Mesmo vivendo em locais distintos, os surdos são unidos por uma cultura própria – a cultura surda –, além de costumes, interesses, histórias e tradições comuns, bem como outros vínculos que fortalecem sua identidade coletiva.

A partir dessa perspectiva, é possível distinguir dois conceitos centrais: povo surdo e comunidade surda. Segundo Strobel (2006), o povo surdo refere-se exclusivamente aos indivíduos surdos que compartilham experiências de vida comuns e uma visão de mundo que se constrói por meio da língua de sinais, que é visual e espacial. Em contrapartida, a comunidade surda engloba um grupo maior e mais diversificado, incluindo não apenas surdos, mas também ouvintes, filhos de surdos, intérpretes e pessoas simpatizantes, que estabelecem articulações sociais em torno da cultura surda.

Na pesquisa, utilizamos essa distinção para explorar como a identidade surda se constitui dentro desse coletivo. Dessa forma, a noção de povo surdo destaca aqueles que compartilham a vivência visual da surdez, enquanto a comunidade surda aponta para o grupo mais amplo que promove e apoia a inclusão e a valorização dessa cultura.

Um importante marco acadêmico na área da Libras foi o surgimento do curso de Licenciatura em Letras Libras, oferecido em 2006, em formato semi-presencial, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, com abertura de nove polos em parceria com universidades federais e CEFET, em estados brasileiros, o que contribuiu significativamente para a formação de surdos e ouvintes para o ensino de Libras.

Entre os marcos de publicações, podemos citar a série de livros “Estudos Surdos”, volumes de I a IV, que congrega pesquisas de autores renomados à época e que provoca, até hoje, reflexões aos novos pesquisadores. Os dois primeiros volumes mantiveram seu foco sobre o sujeito surdo sua língua e cultura, a educação de surdos e a valorização da língua de sinais; e os volumes III e IV trazem uma discussão maior acerca da tradução e da interpretação em contextos para além da sala de aula e do profissional que trabalha com o par linguístico Libras - português. Essa coletânea reuniu estudos linguísticos sobre Libras sob a curadoria grandes nomes, como Quadros, Perlin e Stumpf, que organizaram a publicação, respectivamente, nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2009.

Outra importante obra é “*Por uma gramática da língua brasileira de sinais*”, de Brito (1995), que trouxe as primeiras contribuições para a sistematização da gramática da Libras. Em

seguida, destaca-se “*Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*”, de Quadros e Karnopp (2004), que também abordou os estudos linguísticos relacionados à Libras, complementando as contribuições de Brito.

Na obra “Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações”, Mourão (2011), professor, escritor e pesquisador, propõe que a tradução esteja associada à criação e à adaptação no campo da Literatura Surda. Nesse período, as discussões sobre a cultura surda e suas manifestações se acentuaram, tornando relevante compreender o contexto histórico no qual foram cunhados diversos conceitos, com o intuito de orientar as pesquisas nessa área.

É importante registrar que o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais teve um avanço significativo a partir dos cursos de graduação em Letras-Libras, que se somaram aos diversos cursos livres de formação de tradutores e intérpretes.

Eventos que contribuíram significativamente para os avanços na área com ênfase no rigor acadêmico necessário à tradução e à interpretação como campo científico foram os Congressos de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira e Língua Portuguesa, promovido pelos pesquisadores da UFSC. Consolidou-se, então, a partir desses encontros, que propunham discussões, a área dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais – ETILS, conforme Rodrigues e Beer (2015), propiciando mais pesquisas, com investigações que passaram a buscar maior entendimento daquelas estratégias tradutórias e interpretativas que melhor dessem conta de versar sentidos de uma língua a outra.

Vale ressaltar que vários pesquisadores do Maranhão vêm se destacando no cenário nacional, com pesquisas na área de Libras, como é o caso de Campello (2007), Cláudio Mourão (2011), mais recentemente, Ribeiro (2020) e Barros (2020), cujos trabalhos estão relacionados à temática desta pesquisa. No âmbito geral, ainda temos outros nomes que têm contribuído de forma relevante para as discussões e pesquisas no campo dos estudos linguísticos da Libras, dos estudos surdos e dos estudos da tradução.

Compreendemos a importância de trabalhos que investigam as produções tradutórias e seus processos, tendo como objeto a tradução de textos do Português Brasileiro (PB) para a Libras, visando impedir que o povo surdo fique à margem das narrativas que transmitem conhecimentos de fatos com valor histórico.

Nesse cenário, esta pesquisa se apresenta motivada a contribuir para essas produções que vêm crescendo em termos de número e qualidade no rigor científico, na abordagem da temática da tradução de textos contemporâneos, que são de relevância social, mas também no sentido de reunir esforços direcionados para a tradução de textos clássicos de grande relevância

histórica e ampla difusão, que compõem nossa formação tanto como indivíduos, quanto como povo brasileiro, de modo responsável, considerando as especificidades culturais e linguísticas inerentes a pesquisas dessa natureza.

Esta pesquisa caracterizada como qualitativa, exploratória, de natureza aplicada aos processos tradutórios, tem por objeto de estudo as análises de como as metáforas presentes no texto do hino do Maranhão, de autoria de Antônio Batista Barbosa de Godoi, em português brasileiro do século XIX, são traduzidas para a Libras, a partir da teoria de análise e da perspectiva funcionalista de Nord (2016).

Acreditamos que a relevância e a contribuição de uma pesquisa como a que propomos perpassa várias questões. Além de ser um texto histórico que compõe o vultoso acervo de obras de notáveis escritores maranhenses, trata-se também de um texto documental protocolar, uma vez que, de acordo com a constituição estadual, é um dos símbolos do Estado do Maranhão, e verter tal obra do português brasileiro - PB para a língua de sinais brasileira - Libras acrescenta, sem dúvida, ao acervo maranhense, mais uma possibilidade de acesso à obra.

(ii) Essa obra, por ser um símbolo de representação estadual constante na constituição do Maranhão, compõe as cerimônias solenes do Estado nos seus mais diferentes âmbitos.

(iii) Apresentar essa produção rica em poesia ao povo surdo brasileiro e, em especial, maranhense, na sua primeira língua, objetivando propiciar o mesmo efeito de apreciação prazerosa oferecido àqueles que, por muito tempo, tiveram negado o direito linguístico de conhecer as produções e, por meio delas, a história dessa que também é sua terra, o orgulho e o sentimento de pertencimento estadual e nacional.

Como metodologia, valemo-nos, em parte, do modelo de análise textual orientado para a tradução Nord (2016), como temos por desafio uma tradução interlingual, por se tratar de dois idiomas, e intersemiótica, por envolver sistemas de signos distintos, conforme Jakobson (1959, 2010) por se tratar de um texto rico em metáforas, intermodal por trabalharmos com línguas de modalidades distintas e intercultural. Por serem povos de diferentes culturas, buscaremos os auxílios para as nossas análises das metáforas das contribuições, da linguística cognitiva, com a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff e Johnson (1980), que entende, em sua premissa básica, que a metáfora não é mero recurso estilístico ou adorno linguístico, mas uma maneira de conceitualizar a própria experiência humana de origem. No primeiro passo, propomos uma primeira produção de uma versão tradutória para que, no decorrer dos estudos e análises, possamos recorrer a uma comparação entre o texto fonte e o texto alvo. Após essa produção de uma versão de tradução prototípica em suporte de vídeo será uma ferramenta essencial para demarcarmos os pontos de análise no texto. Faremos os estudos dos contextos

históricos e situacionais, com a análise pormenorizada das metáforas presentes no hino, propondo correções de rotas até que, por fim, façamos uma nova versão tradutória norteadas pelas discussões realizadas ao longo do trabalho com vistas a apresentar uma opção de registro desse trabalho aos nossos pares, mas principalmente ao povo surdo brasileiro.

Esperamos ter como resultado uma produção tradutória que aponte possíveis caminhos que deem conta de transpor sentidos metafóricos do PB para a Libras, tendo, por consequência, efeitos satisfatórios de apreciação junto ao público-alvo, o surdo, contribuindo, portanto, para as pesquisas e práxis dos tradutores intérpretes do PB- para a Libras, bem como se somando aos trabalhos de traduções literárias.

2 TRADUÇÃO

A tradução é uma das práticas mais antigas da humanidade e podemos abordá-la por diferentes perspectivas. Neste capítulo buscamos introduzir a temática primeiramente apresentando um pouco do nosso percurso na área, situando o nosso interesse nesta pesquisa. Em seguida, fizemos um apanhado histórico dos Estudos da Tradução – ET e dos Estudos da Interpretação – EI que, a priori, focaram nas línguas orais e, posteriormente, incluíram as línguas de sinais, o que reflete diretamente na atuação dos tradutores e intérpretes de Libras e português. Refletimos também sobre os conceitos de tradução e interpretação, consequentemente sobre tradutores e intérpretes. Passamos, então, a discutir as questões de modalidades das línguas envolvidas e como isso afeta o exercício profissional dos tradutores e intérpretes e como as pesquisas na área podem contribuir.

2.1. O tradutor/pesquisador onde se insere

Na minha trajetória como tradutor de Libras, passei por percalços desde o aprendizado da Libras. Essa lembrança me remete ao início de tudo, quando em 1995 assisti a um VHS do show musical da Sandi Patty, cantora norte-americana, que interrompeu sua apresentação na penúltima música para ajustar a posição do microfone, para sinalizar juntamente com a música cantada em inglês. Desde então fui atraído pela língua de sinais, que, na época, pensava ser linguagem e não língua. Somente aprofundando meus estudos e leituras descobri que, na verdade, o meu primeiro contato com as línguas de sinais, tinha se dado com a *American Sign Language* – ASL e não com a língua de sinais brasileira – Libras. Descobri que cada país possui sua própria língua de sinais e que o termo genérico se refere, na verdade, a uma modalidade linguística e não a uma língua em específico. Na época não se achava facilmente cursos de

Libras, livres, mesmo na grande metrópole, São Paulo. Não os encontrava não por falta de esforços; juntamente com minha mãe busquei, exaustivamente, por cursos de Libras.

Após alguns anos, nos mudamos de São Paulo para São Luís, no Maranhão. Foi quando e onde iniciei formalmente meus estudos de Libras. Simultaneamente, participava do Curso de Libras em Contexto, no Centro de Apoio a Pessoas com Surdez – CAS-MA, frequentava o ministério com surdos da Primeira Igreja Batista do Maranhão – PIB-MA, participava de um grupo de surdos que acontecia na Rua Grande, na praça Deodoro, por volta das 18h, horário que muitos saíam do trabalho Também frequentava colégios na região do centro de São Luís e bairros vizinhos, para o bate-papo.

O que eu não sabia na época é que aqueles encontros eram, na verdade, uma prática cultural do povo surdo brasileiro, de transmissão da língua de sinais, de valores, histórias e fortalecimento da identidade surda. Imergi “de cabeça” na comunidade surda. Hoje tenho amigos tão próximos como meus familiares. Minha inserção na comunidade surda me levou a lugares distintos, como a Associação dos Surdos em Frankfurt e à participação da celebração internacional de arte e cultura em língua de sinais no Festival Clin d'Oeil, Reims, na França, em 2019; um evento contou com a participação de aproximadamente 20.000 inscritos e onde a diversidade de línguas de sinais foi celebrada.

Minha atuação profissional como tradutor e intérprete da Libras e português se dá desde 2003, quando iniciei atuando na educação básica do Estado, passando a atuar também em contextos diversos, como eventos e atendimentos que os surdos demandavam, desde os mais formais até os mais intimistas, com intermediação em reuniões de família. Num retorno a São Paulo, atuei no ensino superior em faculdades da cidade, mas por motivos familiares, tive de retornar a São Luís, quando ingressei na Universidade Federal do Maranhão, em 2009, e onde atuo há 15 anos.

Orgulho-me por, entre várias ações, ter podido organizar, no início do ano de 2020, o do Seminário Mãos Literárias do Maranhão– SEMALI, evento em que a língua de sinais brasileira foi a língua oficial, e a interpretação foi realizada para o português.

Participo como colaborador técnico dessa iniciativa que faz parte do movimento que trabalha pelo fomento e valorização das produções culturais do povo surdo, no projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, intitulado “Arte de Sinalizar” apresenta uma proposta de registro de produções em língua de sinais, coordenado pelo Profº. Drº Claudio Mourão, surdo, maranhense que se radicou na cidade de Porto Alegre – RS.

A ação tem por objetivo fomentar as produções literárias do povo surdo, bem como zelar pela manutenção e preservação histórica do registro dos artefatos culturais desse povo, num ato de resistência ao apagamento de sua história; uma vez que o povo surdo é minoria linguística frente aos falantes das línguas orais e que, por muito tempo, sofreu com a discriminação de sua língua.

Após ter uma atuação universitária mais voltada à tradução e interpretação de componentes curriculares da graduação, tenho atuado na TV UFMA, mais precisamente no JTV UFMA, que é o telejornal ao vivo em canal aberto; uma experiência desafiadora de tradução, que me enriquece muito. Faço parte da Associação dos Surdos do Maranhão – ASMA e também auto na docência com maior enfoque na difusão e promoção da língua de sinais brasileira.

2.2. Tradução e Interpretação

A tradução não possui um registro claro sobre seu início, o que nos permite dizer que surgiu em tempos imemoriais, quando diferentes povos, culturas e línguas buscavam contato e interação, como descrito por Vasconcellos e Bartholamei Junior (2009). Também sua definição não é unânime, uma vez que, a depender do contexto histórico, das práticas envolvidas e das visões sociais de cada época, se tornava mais específica ou mais ampla.

Para as pessoas, de um modo geral, tradução pode ser muitas vezes definida como o dizer algo de uma língua na outra da mesma forma que foi dito, como maior fidelidade; entendimento que pode ser problemático por parecer carregar o pressuposto de que a tradução ocorre palavra por palavra, desconsiderando que a complexidade que a abrange, incluindo a mediação cultural. Outro pensamento comum é o de que a tradução só pode se dar se alguma forma escrita estiver envolvida, no contexto das línguas de sinais hoje possuímos outros recursos a exemplo do vídeo que é um suporte do audiovisual e é assim que podemos compreender em certa perspectiva a tradução como um produto que pode ser registrada em um suporte, nos permitindo o acesso em um momento posterior, uma vez que esse tipo de registro consegue capturar as produções dessas línguas sem grandes perdas.

Acerca da tradução como sendo atividade que só pode ser compreendida com a escrita, Dos Santos (2020) afirma que a escrita pode ser considerada um procedimento para o processo tradutório, mas não podemos limitá-la. A evolução da linguagem humana que por muito tempo baseou-se na transmissão de seus saberes na tradição oral.

Nesse contexto a atividade interpretativa era essencial para negociação entre os povos. Nesse momento, a tradução ganha novas dimensões quando da descoberta de símbolos para representar informações, e o que antes eram difundidos exclusivamente pela oralidade, passa a

poder ser representado graficamente permitindo registrar e perpetuar ideias. As escritas rupestres e tantas outras formas milenares de registros gráficos encontrados no território brasileiro nos permite entender ao menos um fragmento dessa história viva, mas cujo início não sabemos ao certo quando se deu.

A tradução bíblica, em particular, ocupa um lugar de destaque na história da tradução, com a Septuaginta, a primeira tradução da Bíblia hebraica para o grego, datando do século III a.C. A Bíblia, como Dos Santos (2020) afirma em sua pesquisa ao longo da história, tem sido um dos textos mais traduzidos e treinados, destacando-se como um dos primeiros e mais emblemáticos objetos. Nela há uma narrativa que busca dar conta da história da criação das línguas o que hoje conhecemos como o mito da Torre de Babel², que representa como se deu o início dos diferentes falares e, no processo da evolução humana, reflete a necessidade humana do registo da história para se nortear e transmitir valores às gerações vindouras.

A despeito de não sabermos quando se deu o surgimento das diferentes línguas presentes no mundo, a Bíblia é um marco e uma referência aos estudos da tradução, por ter sido objeto de estudo e de traduções por diferentes estudiosos ao longo do tempo, demonstrando possibilidades e enfoques diferentes quando falamos de tradução.

Podemos citar como exemplos dessas possibilidades, versões da tradução bíblica que possuem diversas finalidades, de acordo com o propósito do leitor, como bíblias atualizadas para uma linguagem mais próxima à do cotidiano, conhecidas por se atualizarem para “a linguagem de hoje”, em edições ilustradas para o público infanto-juvenil, em versões de estudo comentadas por estudiosos renomados e, ainda, em versões que fazem uma reordenação, organizando a distribuição dos textos cronologicamente.

Ao analisar o processo de tradução bíblica, conseguimos compreender a tradução de um modo mais amplo. Contudo, o conceito de tradução evoluiu ao longo da história, permitindo-nos admitir os três períodos propostos por Steiner (2005), a partir de uma organização histórica da tradução, cada uma com uma abordagem teórica e prática específica.

O primeiro período, denominado período clássico da tradução, tem um foco na compreensão da atividade tradutória de duas formas. A depender da demanda, a primeira forma seria chamada de tradução palavra por palavra e a outra, tradução de sentidos, mas esta última numa visão do tradutor como um orador, que faria a interpretação do texto.

² A narrativa bíblica da Torre de Babel descreve a tentativa da humanidade de construir uma torre que chegasse aos céus e a subsequente dispersão dos povos devido à confusão das línguas imposta por Deus. Esse episódio está registrado no livro de Gênesis, capítulo 11, versículos 1 a 9.

No segundo período, a tradução passou a ser mais teorizada, especialmente por meio da hermenêutica, que buscava o significado do período em que surge a filosofia prescritivista da tradução. E o terceiro período, por volta do século XX, caracteriza-se pela aplicação de ferramentas mecânicas, momento em que a tradução se aproxima da Linguística. Nesse contexto, de acordo com Jakobson (2010, p. 65), a tradução é classificada em três tipos: intralingual, interlingual e intersemiótica. O primeiro tipo refere-se à interpretação de signos dentro da mesma língua; o segundo refere-se à tradução entre línguas diferentes, e o terceiro, refere-se à conversão entre sistemas de signos verbais e não verbais. Isso nos mostra como a tradução foi pensada e organizada ao longo do tempo, com ênfase na prática, na teoria e na aplicação de novas tecnologias.

Embora o conceito de tradução tenha evoluído, Holmes, hoje, é considerado propulsor do que conhecemos como Estudos da Tradução – ET, a partir de seu texto *The Name and Nature of Translations Studies* (apud DOS SANTOS, 2020). O campo continua a ser explorado em diversas áreas, entre elas a tradução das línguas de sinais, que vem ganhando destaque. Claro que precisamos destacar que os primeiros trabalhos dão maior enfoque na interpretação das línguas de sinais, mas, de modo gradual, esse cenário vem se modificando e começa a refletir as mudanças históricas, sociais, culturais e tecnológicas.

A interpretação mais recente vem se consolidando como campo disciplinar: Estudos da Interpretação (EI). É certo reconhecer que a prática interpretativa é mais antiga que a prática tradutória, mas em termos de registros históricos e pesquisas os Estudos da Tradução apresentam um número maior. Isso pode ser compreendido pelo fato de que, ao longo dos tempos, a interpretação também era considerada como uma das (sub)áreas e/ou tarefas da tradução, apresentando-se como *tradução oral* e, por isso, tenha coexistido historicamente nas pesquisas, sem um destaque específico.

Atualmente, há estudiosos que investigam conceitos, estruturas e questões metodológicas relacionadas à interpretação. Focamos nossa atenção nas contribuições que nos ajudam a compreender melhor as características distintivas dos processos da tradução da interpretação. Dos Santos (2020, p. 37), com base em Rodrigues (2018b, p. 303-304) e Nogueira (2019, p. 191), apresenta um quadro comparativo que sintetiza as características relacionadas à tradução e à interpretação.

Quadro 1 - Observação das características relacionadas à tradução e à interpretação.

Processos Características	TRADUÇÃO	INTERPRETAÇÃO
Competência e habilidades linguísticas	Priorização daquelas necessárias para lidar com a modalidade escrita: habilidades de leitura e de escrita.	Priorização daquelas necessárias para lidar com a modalidade oral: habilidades de escuta e de fala.
Ritmo de trabalho	O profissional define o seu ritmo de acordo com pressão do tempo.	O autor do discurso impõe seu ritmo ao profissional que precisa se ajustar a ele.
Apresentação do texto fonte	O texto está disponível em um suporte (físico ou virtual), pode ser relido e o profissional pode revê-lo o quanto for necessário.	O texto está em fluxo constante e, na maioria dos casos, não pode ser visto novamente ou repetido, mesmo que o profissional necessite.
Modo de realização do trabalho	O trabalho pode ser pausado ou organizado em etapas.	É quase impossível interromper, protelar ou fragmentar o trabalho.
Apoio externo (materiais e outros recursos)	O apoio externo pode ser buscado em glossários, em dicionários, em colegas e em outras traduções.	Há pouco ou nenhum apoio externo, basicamente recorre-se à memória ou, imediatamente, ao colega de trabalho, ainda que de forma limitada.
Possibilidade de correção antes da entrega do texto alvo	O texto pode ser completamente revisado e, se for necessário, realizar ajustes e alterações.	Não há como realizar nenhuma alteração sem que o público a veja.
Aspectos situacionais da atividade	Contexto limitado centrado no espaço de trabalho do tradutor.	Contexto múltiplo, desde o intrassocial até o internacional.
Uso da tecnologia	Indispensáveis, ferramentas e materiais para a escrita são essenciais.	Dispensável, pode ocorrer com nada mais do que o próprio corpo.
Contato com o cliente/ público	Indireto, mínimo ou inexistente, muitas vezes com um grande intervalo de tempo entre o processo de tradução e a entrega do produto final.	Direto, significativo e efetivo, muitas vezes com o público presente no momento da interpretação.

Fonte: Adaptado de Martins (2020, p. 37), extraído de Rodrigues (2018b, p. 303-304), traduzido para o português por Nogueira (2019, p. 191).

Analisando as características dos processos interpretativos, podemos notar que o texto fonte do intérprete possui uma característica mais efêmera e volátil, exigindo do profissional habilidades e competências específicas que deem conta da execução de sua tarefa. Nesse sentido, Freire (2008) resgata a Teoria dos Modelos dos Esforços na Interpretação proposta por Daniel Gile, que aponta três esforços: (1) o esforço da audição e análise; (2) o esforço da produção; e (3) o esforço da memória de curto prazo. Freire sinaliza um quarto esforço a que ele denomina (4) *o esforço da coordenação*, que funcionaria ao mesmo tempo que esses outros esforços, atuando como um componente chave, assumindo a função de moderar as interações entre os três demais esforços.

Alinhamo-nos ao entendimento de Martins (2020) quando diz que o aspecto fundamental desse modelo é que o intérprete compreende a mensagem em termos não verbais; ou seja, a interpretação não se trata de traduzir palavras, nem de transferência verbal, nem de diferenças entre duas línguas. Trata-se do conceito de *desverbalização*, como apontado por Freire (2008):

A desverbalização compreende o processo de memorizar o sentido do que foi dito sem supervalorizar a memorização das palavras com que esse sentido foi expresso. Assim, torna-se menos dificultosa e mais precisa a reprodução espontânea, do sentido expresso no discurso oral em língua estrangeira, na língua materna. (Freire, 2008, p. 152)

Todos esses esforços e tarefas têm de ser executados no ritmo de trabalho apresentado no quadro das características relacionadas à interpretação, em que o autor do discurso impõe seu ritmo ao intérprete, que precisa se ajustar para uma entrega, sabendo que o texto está em fluxo constante e não será repetido na presença do interessado.

Essas características são distintas no processo de tradução que viemos discutindo ao longo desta seção. Valem como destaque para o processo de tradução e de interpretação em línguas orais e ou “vocais”. Passamos a refletir esses conceitos, considerando essas tarefas com pares linguísticos de modalidades distintas, no caso, tradução de línguas orais para línguas de sinais e vice-versa.

2.3 Modalidades das línguas na tradução

No parágrafo único da Lei da Libras, como é conhecida, está posto que a Libras possui um sistema linguístico de natureza visual-motora (Brasil, 2002). Diante disso, apresenta-se o desafio da modalidade, uma vez que as estruturas linguísticas do nosso país, até esse período, eram reconhecidas em uma única modalidade e, inclusive, sem o devido reconhecimento das outras línguas orais presentes no Brasil, tanto de colônias estrangeiras, quanto dos povos originários.

Interessa-nos definir como compreendemos o conceito de modalidade linguística, especificamente das línguas que tratamos neste trabalho, alinhados ao entendimento apresentado por Rodrigues (2018):

"[...] a modalidade de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza. Existem diferentes sistemas de produção e percepção. Para as línguas orais a produção conta com o sistema vocal e a percepção depende do sistema auditivo; por outro lado, depende do sistema gestual para a produção e do sistema visual para a percepção." (McBurney, 2004, p. 351, apud Rodrigues, 2018, tradução do autor).

Partindo do entendimento do que são modalidades linguísticas, neste trabalho nos referimos à Libras e às línguas de sinais como línguas de modalidades gestuais-visuais e à língua portuguesa e às línguas de igual modalidade por línguas orais-auditivas. Rodrigues (2018, p.5) apresenta um quadro que contribui para nossa compreensão quanto aos

acionamentos feitos pelos usuários das línguas em questão. Para o autor, as **línguas orais** apresentam essas características:

- A produção das línguas orais-auditivas ocorre internamente ao corpo. Os articuladores são bem menores em comparação com os das línguas de sinais. A articulação é praticamente invisível e são diretamente vinculadas à respiração. Os braços e as mãos estão livres e os sinais se consolidam em marcações acústica, que demandam uma largura de banda (*bandwidth*) menor. O meio principal é o tempo, sendo unidimensionais, dependem da recepção auditiva, ou seja, da propagação dos sons; despertaram o interesse da Linguística há mais tempo.

As **línguas de sinais** por sua vez, possuem as seguintes características:

- A produção ocorre externamente ao corpo. Os articuladores são muito maiores que os das línguas orais. A articulação é visível e está pouco ou quase nada vinculada à respiração. O trato vocal permanece disponível durante a produção da língua, os sinais se consolidam em sinais gestuais e demandam uma largura de banda (*bandwidth*) maior. O meio principal é a junção entre tempo e espaço. Sendo multidimensionais, dependem da recepção visual, ou seja, da disponibilidade de luz e são mais jovens, despertando o interesse da Linguística mais recentemente.

Esse contraste revela-nos os acionamentos que são feitos quando da produção de tais línguas. Pensemos, então, quanto ao trabalho de tradução que é executado no contexto em que estejam articuladas duas línguas de duas modalidades distintas. Classifica-se tal tradução como uma tradução intermodal que é o processo entre línguas de duas modalidades diferentes, por exemplo da Libras para o Português, do Inglês para a *American Sign Language* - ASL.

Isso difere dos trabalhos de tradução intramodal quando as línguas em questão são da mesma modalidade, por exemplo, do Português para o Inglês ou ainda da Libras para a ASL. Os profissionais tradutores e intérpretes das línguas de sinais enfrentam desafios distintos dos tradutores e intérpretes das línguas orais-auditivas, e para exercerem essa atividade requerem também o desenvolvimento de habilidades e competências que deem conta de instrumentalizá-los a cumprir com essa tarefa. Sobre isso Rodrigues (2022) afirma que:

o trabalho com a modalidade gestual-visual e, por sua vez, com seus efeitos sobre a língua e sobre os processos de tradução e de interpretação precisa ser concebido como um dos elementos que compõem a competência tradutória do profissional intermodal e do intramodal gestual-visual (i.e., aquele que trabalha entre duas línguas de sinais). (Rodrigues, 2022, p. 20).

Quanto aos efeitos de modalidade e às formas como tais efeitos impactam a execução das atividades tradutórias podemos citar, em caráter de exemplificação, questões acerca da performance corporal-visual que é como o sinalizador incorpora, representa ou performa as ações dos referentes e seus elementos que podem diferir em tamanho e forma o uso de classificadores e muitas mais possibilidades que este tipo de performance possibilita.

Diante desse cenário desafiador, pesquisadores destacam um campo disciplinar específico: os Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais – ETILS. A esse respeito Dos Santos (2020) nos diz que:

Os estudos acerca da CT são relativamente novos no Brasil e como observado em Hurtado Albir (1999, 2001/2016, 2005, 2017) e em PACTE (2011, 2018) são muito centrados na interpretação intramodal, com um par linguístico de mesma modalidade, isto é, a vocal-auditiva como encontramos em Rodrigues (2018abc). O processo de interpretação intermodal, ou seja, entre línguas de modalidades diferentes vem sendo alvo de diversas pesquisas sobre este tipo específico de interpretação de/entre/para línguas de sinais, principalmente, no âmbito dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas Sinais (ETILS), como vemos em Rodrigues e Beer (2015).

Refletir acerca dessa área de estudos nos permite pensar componentes pedagógicos para compor os cursos de formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais e as questões específicas que afetam os Tradutores e Intérpretes das Línguas de Sinais – TILS e mais especificamente em nosso contexto nos Tradutores e Intérpretes da Libras-Português – TILSP.

Rodrigues (2022) nos ajuda a pensar possíveis delimitações que precisamos fixar pelas características distintivas entre as atividades tradução intermodal e interpretação intermodal. O entendimento é de que a tradução intermodal é uma atividade menos comum do que a interpretação, mas tem ganhado, gradativamente, mais espaço e destaque, principalmente no ambiente acadêmico. Frequentemente, os materiais traduzidos de e para línguas de sinais apresentam o texto-alvo junto ao texto-fonte. Esse processo pode envolver legendagem em língua vocal escrita, a janela de Libras ou o uso de voice-over³, entre outras estratégias.

Além disso, como a língua de sinais não possui um sistema de escrita consolidado e ampla e socialmente difundido, sua versão oral é registrada em vídeo em diversos processos tradutórios, tornando o tradutor visível.

Por outro lado, a interpretação intermodal é uma atividade bem comum e, inclusive, responsável pela visibilidade das línguas de sinais nos Estudos da Interpretação e da Tradução. Geralmente, o texto-alvo é apresentado diretamente ao público sem a necessidade de cabines ou equipamentos tecnológicos, exceto em grandes eventos, onde pode haver a projeção do

³ É a voz de um narrador invisível falando.

intérprete em telões. Em casos em que o produto final está em língua vocal, podem ser utilizadas cabines e seus respectivos equipamentos.

Como a língua de sinais é gestual-visual, o intérprete está fisicamente presente diante do público, tornando-se sempre visível, seja de forma presencial ou virtual.

Nesse sentido, apesar de muitos profissionais ainda se autodeclararem tradutores e intérpretes de língua de sinais, na prática, muitos se enquadram mais especificamente como tradutores ou intérpretes, considerando as competências e habilidades distintas envolvidas em cada atuação. Embora haja pontos de convergência, as diferenças entre essas funções são evidentes, inclusive no tipo de serviço oferecido. Quando questionamos profissionais da área sobre sua prática, é comum que relatem atuar predominantemente na interpretação.

Outro ponto relevante ao analisarmos esse cenário é a direção de trabalho mais frequente dos profissionais no Brasil. Atualmente, há um número mais expressivo de intérpretes que atuam predominantemente na direção português–Libras, enquanto a atuação na direção inversa, de Libras para português, é significativamente menor. Esse fenômeno pode ser explicado pelo fato de que, historicamente, os surdos no Brasil não possuíam um número representativo de graduados no ensino superior. Como minoria linguística nas relações de poder, recebiam mais informações dos ouvintes do que produziam na própria língua.

No entanto, esse cenário vem se modificando com o aumento expressivo de surdos graduados em diversas áreas do conhecimento, bem como de mestres e doutores surdos. Esse crescimento tem impactado diretamente o campo da tradução e interpretação, ampliando a demanda por tradutores e aumentando os trabalhos na direção Libras–português. Essas transformações demonstram que as pesquisas acadêmicas da área estão alinhadas ao contexto social do país, contribuindo para práticas mais qualificadas e contextualizadas.

2.4 Reflexões teóricas em torno da Tradução

Como Teoria da Tradução para ancorar nossas discussões, requisitamos a proposta metodológica de Nord (2016), em sua obra "Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática", na qual a autora propõe um "Modelo de Análise Textual Orientado para a Tradução", que estabelece um fluxo aplicando fundamentos tradutológicos.

A Teoria da Tradução Funcional de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer, que influenciaram a abordagem de Christiane Nord e que deriva da teoria do escopo, mas trazendo como inovação a figura do público e a importância de se pensar um produto que atenda às demandas do público do texto alvo.

Nesse sentido, buscamos uma flexibilidade ao alinhar o funcionalismo alemão ao funcionalismos norte-americano dialogando com a Linguística Cognitiva que acreditamos ter um ponto de possível convergência, que é o contexto e o significado; compreendemos que a Linguística Cognitiva do funcionalismo norte americano no desenvolvimento de suas pesquisas com as Metáforas Conceituais aplica seus conceitos de análises ao público em determinado contexto, a proposta da nossa pesquisa busca dialogar com as duas teorias trazendo a aplicação dos focos da TMC ao significado que por sua vez é orientado pelas experiências e contextos individuais.

Na Teoria da Tradução Funcional o texto traduzido deve considerar a cultura do contexto, deixando claro que a tradução deve atentar às funções do contexto de uso. O entendimento é de que a interpretação do tradutor é influenciada pelos fatores cognitivos, culturais e sociais, compatíveis com o esquema do processo de ação tradutória proposto por Nord (2016), conforme quadro 2:

Quadro 2: Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática.



Fonte: (Nord, 2016)

Percebamos que a situação comunicativa fonte é um campo rico de análise nessa proposta, estruturando o fluxo da produção do texto fonte e a recepção do mesmo no contexto fonte, um iniciador identificado no esquema de Nord por INI, se apresenta para requerer a tradução podendo este ser da situação fonte ou alvo:

O iniciador (INI) não tem necessariamente de ser parte da SIT-F, mas também pode ser parte da SIT-A. É por isso que o INI aparece “rebaixado” no diagrama; é apenas a função do INI que o coloca cronologicamente neste lugar. (NORD, 2016, p.27)

Nord ainda acrescenta que o papel do iniciador é fundamental no processo, pois este precisa de um determinado texto que lhe servirá como instrumento comunicativo, o que dá início ao processo da ação tradutória. Neste processo, então, é que os fatores intertextuais e intratextuais apresentados pela autora em sua teoria revelam-se imprescindíveis às análises tradutórias, por serem fatores da situação comunicativa.

Propõem-nos questões que precisam ser levadas em consideração como: quem transmite; para quê; para quem; por qual meio; em qual lugar; quando; por quê; com qual função. Sobre qual assunto ele diz; o quê diz; o que não diz; em qual ordem; usando quais elementos não verbais; com quais palavras; em quais orações; com qual tom; com qual efeito.

Acerca dos fatores extratextuais apresentados, a autora nos explica que são informações sobre a situação comunicativa, as quais são solicitadas no decorrer da análise, como:

“tema de que o texto trata (sobre qual assunto?), a informação ou conteúdo apresentados no texto (o quê?), as pressuposições de conhecimento feitas pelo autor (o que não?), a estruturação do texto (em qual ordem?), os elementos não linguísticos e paralinguísticos que acompanham o texto (utilizando quais elementos não verbais?), as características lexicais (com quais palavras?) e as estruturas sintáticas (com/em quais orações?) que são encontrados no texto, e as características suprasegmentais de entoação e prosódia (com qual tom?).” (NORD, 2016, p. 75)

Primeiramente são verificados os *fatores extratextuais*; toda a situação do contexto em que o texto servirá é considerada antes da leitura do texto, pois é também o que fazem os receptores que previamente leem a situação, tentando antecipar informações que só serão validadas quando da comparação feita após a efetiva leitura do texto com seus *fatores intratextuais*, que geram o *efeito* descrito pela autora como particular. Lançando então o último questionamento que se apresenta, contemplando os campos dos *fatores extra e intratextuais*, que levam à identificação de “com qual efeito?”. Trata-se de uma categoria orientada ao receptor, que se constitui por suas expectativas pessoais, conscientes, inconscientes ou subconscientes, ao que a autora chama de “efeito”.

De modo sucinto, essa é a proposta de Nord para a compreensão dos próximos passos deste trabalho, como pontos relevantes da Teoria da Tradução Funcionalista da autora e a ênfase que ela dá à importância de considerarmos o receptor durante o trabalho tradutório, a fim de que o produto final, o texto traduzido, alcance sua função e seus efeitos ao público.

Compreender a tradução como ato comunicativo complexo assevera que o tradutor exerce uma função de mediador de línguas e culturas e, por isso, se faz necessário dar atenção às situações que lhe são encomendadas nos trabalhos tradutórios.

3 METÁFORAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A função crucial da linguagem é expressar pensamentos e ideias. A linguagem codifica e externaliza nossos pensamentos, usando símbolos. Em outras palavras, existe uma montagem simbólica, um emparelhamento de forma e significado (Evans, Green 2006.p.6).

A metáfora em nosso trabalho chega como um desafio prazeroso, pois os falantes se valem das metáforas, sempre. E as metáforas são um desafio, porque compreendemos que as metáforas estão ligadas a construções de sentidos de grupos que possuem vivências semelhantes. E nós sabemos que o povo surdo e o povo ouvinte do Brasil possuem, sim, um ponto de ancoragem de suas experiências comuns, que são aquelas construídas no território brasileiro e a partir dele, embebidas de desafios, pois mesmo estando no mesmo território físico, os dois povos encontram-se em territórios linguísticos diferentes.

Essa realidade permite-nos construções simbólicas únicas, que fazem sentido dentro de sua construção simbólica coletiva. Prazeroso, porque reconhecemos que nas duas línguas e nos dois mundos existem produções culturais muito ricas, ainda que bem distintas, como temos tratado neste trabalho. As construções simbólicas são extremamente relevantes à constituição do ser, porque revelam a leitura de mundo e valores adotados por cada grupo.

3.1. O que são metáforas

Encontramos no trabalho de Carneiro⁴ uma revisão do conceito da metáfora na história e na linguística Cognitiva, que se alinha a nossa pesquisa quando da retrospectiva histórica da compreensão da metáfora ao longo do tempo. Bebemos dessa fonte para trazermos aqui uma síntese desse percurso conceitual do entendimento tradicional.

Etimologicamente “De acordo com o Dicionário Novo Aurélio, a metáfora é definida como ‘[...] tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado; translação’” (FERREIRA, 1999, p. 1326, *apud* CARNEIRO, 2009).

⁴ CARNEIRO, Mônica Fontenelle. *Dos Manuais Didáticos à Compreensão do Aprendiz: a Relevância da Metáfora no Ensino-Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (IEL)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

Numa compreensão limitada se a compararmos com o entendimento que temos hoje, no pensamento antigo se tratava a metáfora apenas como recurso linguístico no qual a linguagem era apresentada esteticamente para falar de uma coisa utilizando outra. Esse era o pensamento antigo e que perdurou por muito tempo e, em suma, a metáfora fica limitada a um recurso linguístico.

3.2. A metáfora conceitual e a construção de sentidos

Houve uma grande ruptura no entendimento quando da publicação da obra *Metaphor and Thought*, organizada por Ortony (1993) e publicada em 1993, que apresentou estudos de Lakoff (1993), Reddy (1993) e Ortony (1993), além de estudos de Searle (1969) e Glucksberg (2001), transformando a compreensão conceitual anterior acerca da metáfora. Claro que tal ruptura só ocorreu, porque várias áreas do conhecimento voltaram seu olhar às formas de significação do mundo e a como os seres humanos, a partir das suas experiências, as comunica.

Um testemunho registrado desse processo disruptivo é o *Dicionário de Linguagem e Linguística* (TRASK, 2004, p.191), que apresenta, após o conceito tradicional da metáfora, um resumo dessa mudança de paradigma que a conceitualização estava sofrendo com menção aos nomes dos seus precursores, sugerindo leituras complementares e uma remissiva ao conceito no âmbito da Linguística Cognitiva.

A concepção da Semântica Gerativa em meados da década de 60 remonta às origens da Semântica Cognitiva, com o relato de Lakoff, tendo sido aluno de Chomsky e Halle. No desenrolar da divergência de opiniões surge a Linguística Cognitiva voltada à linguagem e ao pensamento primeiro, a gramática.

Segundo Carneiro (2014):

“os modelos metafóricos, indiretamente significativos, consistem em uma projeção de domínios concretos da experiência para domínios abstratos. Há um domínio-fonte A, bem estruturado, e um domínio-alvo B, que deve ser estruturado para que seja compreendido, assim como um mapeamento que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo e a projeção metafórica cuja motivação natural decorre da correlação estrutural entre esses domínios.” (CARNEIRO, 2014, p. 89)

3.3. Metáfora e a Libras

Uma das pioneiras nas pesquisas das metáforas em Libras foi Faria-Nascimento, que abordou o tema em sua pesquisa de mestrado em 2003 no estudo intitulado: “A Metáfora na LSB e a Construção dos Sentidos no Desenvolvimento da Competência Comunicativa de Alunos Surdos”. Em seu trabalho, ela analisa três pontos que considera fundamentais para o desenvolvimento da competência comunicativa de seus alunos surdos com vistas à ampliação de suas habilidades de leitura em L2, no caso da língua portuguesa. Primeiramente, ela buscou entender como os surdos constroem e desconstroem o sentido polissêmico e metafórico; posteriormente, tentou identificar e classificar o processo metafórico das unidades encontradas na LSB, em contraste com a LP. Seguindo a análise da metáfora presente em alguns recortes de atos pragmáticos extraídos de atos de fala envolvendo surdos e ouvintes, em interação comunicativa formal e/ou informal. A concepção cognitiva da metáfora e o reconhecimento de Lakoff e Johnson alicerçou a pesquisa que se torna então uma referência aos que se debruçam na investigação de metáforas em línguas de sinais.

Mais recentemente, Dalton Junior, professor da Universidade Federal do Paraná, buscou analisar, em 2018, em seu estudo intitulado “Metáfora em Libras: Um Estudo de Léxico”. No texto, os sinais léxico-metafóricos da Língua de Sinais Brasileira são analisados sob o foco dos parâmetros de Movimento – M, e Configuração de Mão - CM, buscando entender em que contextos estes se manifestam, com significações positivas e negativas, quando da sua realização. Este estudo também abordou, entre outros autores, Lakoff e Johnson, como principais referências, por abordarem as teorias do campo da linguística cognitiva e a compreensão das metáforas.

Esse pequeno recorte nos apresenta um panorama das possibilidades e contribuições que a linguística cognitiva nos fornece auxiliando-nos na pesquisa, na compreensão da construção de sentidos e nas relações contrastantes entre o povo que fala Libras e o povo de fala o Português do Brasil – PB como língua falada por povos de culturas e línguas; como constroem sentidos e, também, dotados de distintas concepções de compreensão nos questiona: como podemos transpor os sentidos de uma língua para outra? De um povo a outro? E de uma cultura a outra?

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) proposta por Lakoff e Johnson (1980), marcou o início da Linguística Cognitiva, atribuindo à metáfora uma nova perspectiva. Essa é a teoria da experiência corpórea do indivíduo, em interação com sua comunidade;

estabelece conceitos compartilhados em níveis linguísticos, sociais, físicos e culturais nos quais as pessoas estão inseridas.

Ao proporem uma série de questionamentos, Lakoff e Johnson (1980) mostram que a metáfora conceitual não se define apenas no campo da linguagem, mas está profundamente enraizada em experiências de vida cotidiana compartilhada. Essa abordagem rompe com o pensamento tradicional, que entendia a metáfora como um recurso estilístico restrito ao domínio da linguagem.

Para ilustrar essa discussão, consideremos os exemplos apresentados por Carneiro (2009), que destacam como a metáfora conceitual se apresenta em nosso cotidiano:

"reiteram, assim, que quando se fala de tempo em termos de dinheiro (Não gaste seu tempo com isso; Se você for por aquela rota, poupará tempo; Economize seus preciosos minutos e diga logo o que quer.), ou de atividade em termos de vida (Aquela cidade fica morta aos domingos; A presença de vocês deu vida a esta casa; As brincadeiras das crianças enchem de vida aquele parque.), ou, ainda, de importância como tamanho (Meu marido trabalha numa grande companhia; Aquela é uma grande escola; Por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher.), recorre-se, de forma inconsciente, natural, a uma série de sistemas linguísticos que são licenciados por metáforas conceituais que a eles subjazem" (LAKOFF; JOHNSON, 1980, apud CARNEIRO, 2009, p. 42).

A Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson, propõe que a metáfora emerge da experiência corpórea e das interações sociais, culturais e linguísticas. Essa perspectiva é altamente relevante para a Libras, pois trata-se de uma língua visogestual, e seus sinais frequentemente traduzem conceitos a partir de experiências físicas e espaciais. Muitos sinais em Libras incorporam metáforas corporais e espaciais, com o uso do movimento, da configuração de mãos e da localização, entre outros para representar conceitos abstratos.

Como exemplos práticos temos os sinais que representam emoções ou estados de espírito, como "feliz" ou "triste", que podem ser metaforicamente associados a sua direcionalidade ou a expressões não manuais, reforçando a relação corpórea e cognitiva entre forma e significado.

O uso de metáforas como ferramenta cognitiva no auxílio da compreensão de conceitos abstratos, facilita a transposição de sentidos entre a Libras e o PB. Ao reconhecer metáforas, os surdos podem aprimorar sua capacidade de estabelecer conexões semânticas.

O trabalho de Silva Junior analisa como os parâmetros da Libras, como movimento e configuração de mão, contribuem para a construção de sentidos

metafóricos. Isso se conecta diretamente à ideia de Lakoff e Johnson de que a metáfora está embutida em sistemas linguísticos e cognitivos. A Libras utiliza recursos de intensificação como tamanho, direção e intensidade para construir metáforas visuais. Um exemplo é produzir o sinal que podemos usar a sua glosa em português como “*importante*”, se valendo de um espaço de sinalização aumentado para indicar “grande importância”, alinhando-se à metáfora conceitual “importância é tamanho”. Sendo assim, essas metáforas não são apenas estilísticas, mas essenciais para a comunicação e compreensão sinalizada dentro da comunidade surda.

A metáfora pode servir como um ponto de interseção, para transpor sentidos de uma língua, cultura a outra. As **metáforas conceituais** são universais em certa medida (derivadas de experiências humanas comuns), mas suas manifestações são culturalmente específicas. Na transposição de sentidos entre a Libras e Língua Portuguesa, e vice-versa, é possível identificar metáforas semelhantes ou equivalentes, o que pode facilitar o processo de tradução e ou ensino.

A Libras e outras línguas de sinais têm suas próprias metáforas, que refletem a cultura e as experiências da comunidade surda. Isso reforça a ideia de que ela é uma forma de construir e compartilhar conhecimento dentro da comunidade

A análise das metáforas na Libras, fundamentada na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), permite compreender melhor como os surdos constroem sentidos e como essas construções podem ser comparadas, contrastadas e traduzidas para sua língua e para outras línguas e culturas. Os estudos de Faria-Nascimento (2003) e Junior (2018) destacam a importância de investigar os processos metafóricos na Libras evidenciando o papel das metáforas como pontes entre línguas, culturas e indivíduos.

3.4. Conceitos adotados

A Linguística Cognitiva oferece uma perspectiva fundamental para esta pesquisa, ao centrar-se na experiência humana como base para a organização do pensamento e para a representação do mundo. Trata-se de um processo cognitivo que investiga como as pessoas processam informações e atribuem significados, moldados por experiências individuais e contextos culturais. Essa abordagem compreende a linguagem como um meio essencial para representar e organizar a experiência, destacando o papel de modelos mentais e frames na construção e compreensão de sentidos. Além disso, explora como diferentes indivíduos podem interpretar uma mesma mensagem de formas variadas, dependendo de suas vivências e perspectivas.

Essas lentes teóricas tornam-se essenciais para o olhar analítico desta pesquisa, permitindo não apenas compreender as metáforas presentes no texto-fonte, mas também replicá-las de maneira significativa no texto-alvo. Nosso objetivo é assegurar que o público-alvo seja capaz de acessar as metáforas propostas, respeitando as especificidades culturais e linguísticas da Libras e do português brasileiro.

Ao tratar do foco nos significados em traduções poéticas, Albres e Alves (2021) reforçam que:

O tradutor se dá a liberdade para produzir um novo texto a partir das características linguístico-discursivas do texto de partida, mantendo o fio de significação, mas contraditoriamente estando aberto a novas construções de sentidos pelos leitores da obra traduzida. Evidenciamos o intenso trabalho com a poesia, em que a estética das letras e a forma não se sobrepuseram ao conteúdo, ao contrário, trabalharam de forma harmoniosa. Com um olhar criterioso, podemos afirmar que os tradutores se entregaram para a construção de uma tradução observando a forma e o conteúdo (ALBRES E ALVES, 2021).

Essa visão reforça a relevância de um trabalho criterioso que equilibre forma e conteúdo na tradução, um princípio que guia nossa análise e reformulação das metáforas para a Libras. A abordagem da Linguística Cognitiva, aliada à prática tradutória cuidadosa, possibilita alcançar uma tradução que seja esteticamente rica e culturalmente significativa para a comunidade surda.

4. TRADUÇÃO DE HINOS

Para introduzirmos esse capítulo acerca da tradução de hinos, acreditamos que primeiro precisamos compreender os hinos como narrativas de exaltação que reúnem valores e saberes cristalizados de um coletivo que elenca determinadas características a serem enaltecidas do objeto alvo, do apreço expresso nas narrativas. Em pesquisa em dicionários, encontra-se que:

O termo hino, do Grego *hýmnos* (canto laudatório), do Latim *hymnu* (Hino), significa composição musical com letra completa para celebrar alguém ou alguma coisa, canto religioso, canto em louvor de um herói, canção ou canto, louvor, elogio e panegírico. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1023, apud de ROCHA, 2020).

Entre os tipos e/ou categorias de hinos podemos citar, hinos religiosos (das diferentes profissões de fé), hinos de clubes esportivos, hinos de movimentos sociais e hinos cívicos. Esses, descrevem parte da história de uma nação ou sociedade, sendo compartilhados e reconhecidos pelo coletivo de origem, como parte constituinte do que podemos chamar de identidade cívica, buscando evocar o senso de cidadania, de identidade cultural e de identidade nacional.

4.1. Hino como gênero textual

Quanto ao gênero buscamos as concepções de gênero textual de Marcuschi e de Bakhtin (1895-1975). Segundo os autores, a função dos gêneros textuais é uma construção humana para proporcionar interações sociais.

Um hino cívico é uma ferramenta protocolar, em ambiente solene, no qual somam-se símbolos que evocam a história, para que, a partir da apreciação deste tipo de gênero textual, se alcance a identidade cultural, a compreensão da história do local cantado, dos seus desenhos arquitetônicos e culturais.

Reitera-se, em síntese, que o hino cívico é um texto de gênero solene de característica protocolar. A norma padrão é empregada para estabelecer gêneros que retratam características protocolares. Isso explica a presença, no Hino Nacional Brasileiro, de símbolos representativos nacionais, anunciados em norma padrão, que exige um caráter mais formal.

4.2 Hino Nacional

Numa perspectiva histórica, o posto de símbolo nacional que atribui um sentimento mítico ao Hino Nacional brasileiro, no cenário nacional antigo, nas cerimônias solenes é comum que sejam citados os nomes dos autores da música e “recitada” a letra do Hino. Um dos fatos que poucos têm conhecimento é o de que a música foi elaborada por Francisco Manuel da Silva há cerca de sete décadas, antes da

escrita da letra por Joaquim Osório Duque Estrada. Os dois não se conheceram, pois o autor da letra nasceu em 1870, cinco anos depois do falecimento de Francisco Manuel, que ocorreu em 1865.

No contexto da Proclamação da República, em 1889, sabe-se que um grupo de militares e de outros segmentos da sociedade, derrubou a monarquia brasileira e instituiu um novo regime político empenhado em desfazer todos os legados monárquicos e substituindo-os por símbolos nacionais republicanos.

Muitas ações e disputas até se definir a letra do hino nacional, que passou por inúmeras modificações até que fosse definida a letra definitiva; foram necessários dois decretos que oficializaram a letra que fosse adicionada à melodia composta por Francisco Manuel. A letra do Hino Nacional Brasileiro foi oficializada pelo Decreto nº 4.559, em 21 de agosto de 1922, durante o governo de Epitácio Pessoa. Posteriormente, a oficialização foi reforçada na Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, publicada no Diário Oficial em 2 de setembro do mesmo ano (CBM-DF, 2025).

Em primeira busca por versões/ traduções do Hino do português para Libras, no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil, sob os descritores: hino, Libras e tradução, nenhum registro foi encontrado. A busca foi repetida na Plataforma SciELO (com as mesmas palavras chaves) e, novamente, nenhum registro foi encontrado.

Na busca pelo Google Acadêmico, porém, foram localizados alguns trabalhos que analisam traduções realizadas por outros profissionais. Alguns estudos analisam versões / traduções do hino nacional sinalizado por intérpretes surdos, em comparação com versões sinalizadas por ouvintes, como é o caso do trabalho de Araújo (2020), que faz um levantamento interessante entre algumas versões de traduções do hino, em um recorte temporal.

Outra pesquisa que também lança luz a produções de versões de traduções do hino nacional é a de Sutton-Spence e Machado (2023), que apresentam um estudo sobre nove poesias em Libras relacionadas às bandeiras dos estados brasileiros. As autoras propõem que essas poesias podem ser consideradas traduções ecfrásticas⁵, pois estabelecem um diálogo entre a imagem visual e a expressão poética em língua de sinais. Nesse sentido, as autoras explicam que, dentro do campo da tradução intersemiótica, a ecfrase se caracteriza por priorizar a tradução de signos não verbais para signos verbais, com ênfase em descrições de objetos, em vez de narrações. Neste levantamento as autoras propõem que o poema *Bandeira Brasileira*, de autoria de Nelson Pimenta⁶, em 1999, cumpria na comunidade surda

⁵ O conceito grego de écfrase (*ékphrasis*) refere-se, de modo geral, a um campo em que a literatura funciona como um espaço descritivo de outras formas de manifestação artística. Em linhas gerais, a écfrase pode ser entendida como a tradução de uma imagem em texto escrito, sendo um recurso retórico voltado para a descrição detalhada (RICONI, 2015, p. 78).

⁶ Bandeira do Brasil <https://www.youtube.com/watch?v=exlhqHgNEaE>

uma função semelhante à do hino. Em seguida, retomam um breve levantamento trazendo a versão de tradução da Adriana Veiga⁷, lançada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Também a versão de tradução de Rimar Segala⁸, que rompe um padrão da época, apresentando uma versão de tradução do hino, que incorpora elementos outros a sua versão, como apontado pelas autoras: narrativas históricas, elementos teatrais e de performance.

Em uma versão mais atualizada da tradução do hino, lançada pelo INES, apresentada por Bruno Ramos⁹, identifica-se pouca fidelidade ao texto original, segundo as autoras, por ter como objetivo apresentar uma narrativa da história do Brasil.

Recordamos também do marco histórico no Brasil que foi a execução do Hino Nacional, em uma posse presidencial com uma versão de tradução realizada por Sandro Santos¹⁰.

Optamos por destacar tradutores e intérpretes surdos para demarcar a atuação desse profissional no contexto histórico brasileiro. Não se trata da falta de trabalhos profissionais ouvintes, mas para que seja feito um resgate da contribuição que, inclusive tradutores surdos, vêm fazendo às produções e aos estudos no campo da tradução das línguas de sinais.

Ao longo do tempo, algumas discussões foram registradas acerca da melhor estratégia para se traduzir o Hino Nacional. A proposta de Sueli Ramalho¹¹ se destaca: uma publicação no seu canal do YouTube, em 26 de fevereiro de 2011, com uma versão descrita pela própria autora como português sinalizado. Segundo Ramalho,

Como se trata do Hino Nacional, não devemos mudar nem a letra e nem a música. Se o fizermos, na interpretação em Língua de Sinais ou LIBRAS não teríamos a música de Francisco Manuel da Silva ou mesmo a letra do poema de Joaquim Osório Duque de Estrada, por isso o poema é Português Sinalizado. (apud RODRIGUES; SOUZA, 2012, p. 30)

Rodrigues e Sousa (*idem*) ainda resgatam uma descrição feita por alguns autores acerca do português sinalizado, como sendo uma tradução palavra por palavra, seguindo a ordem sintática da Língua Portuguesa. É preciso se ter em mente o quanto os estudos na área da Libras têm crescido e amadurecido. O crescimento não se dá apenas em número, mas, principalmente, em qualidade. Olhares diferentes contribuem para que possamos pensar e repensar caminhos e estratégias, mesmo que, em dado momento, seja necessário fazer correção de rota. Em uma perspectiva mais ampliada, o fomento às pesquisas sempre se soma.

⁷ Hino Nacional Brasileiro INES 325 <https://www.youtube.com/watch?v=JUN1RDhX9m0>

⁸ Hino Nacional em Libras https://www.youtube.com/watch?v=rb_FS3GZe8s

⁹ Hino em Libras TVINES <https://www.youtube.com/watch?v=iASBvcjIDHQ>

¹⁰ Hino em Libras(7:19) <https://www.youtube.com/watch?v=mNlrh9jNPP4>

¹¹ Hino Nacional Brasileiro <https://www.youtube.com/watch?v=S7JnjLby1aY>

Em nossas buscas, encontramos pesquisas que trabalharam com a decupagem de tradução do Hino Nacional, elaborada por profissional que busca decompor ou segmentar uma obra para analisar e compreender suas estruturas, elementos ou significados. Não encontramos nenhuma pesquisa, contudo, que demonstrasse o processo tradutório como produto final, como uma versão de tradução.

4.3. Hinos Estaduais

Num panorama mais geral, pode-se dizer que os hinos estaduais, em sua maioria, foram compostos em um período de transições políticas do Brasil Império, no período colonial, para o Brasil republicano. Nesse contexto, muitos dos estados, como conhecidos, hoje, ainda eram considerados províncias e seus limites territoriais ainda eram motivo de disputas.

Os hinos nesses contextos eram requisitados a integrar uma exclusiva seleção de instrumentos que seriam pensados e arquitetados para tornarem-se catalisadores, uma vez que materializariam características de sentidos simbólicos, culturais e valores que facilitariam a transmissão e perpetuação de ideologias que favoreceriam a compreensão popular.

Em contextos de disputas territoriais, os símbolos reuniam ideias que contribuiriam (como de fato contribuiu) para um senso nacionalista. No Brasil, tais instrumentos tiveram seu reconhecimento reafirmado por vários dispositivos legais, mas daremos destaque ao que consta na Constituição Federal Brasileira:

A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil. § 1º São símbolos da República Federativa do Brasil a bandeira, o hino, as armas e o selo nacionais. § 2º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão ter símbolos próprios. (BRASIL, 1988)

Há indícios de que muitas dessas composições tenham sido encomendadas a intelectuais da época. Os símbolos da República Federativa do Brasil ganharam destaques em eventos solenes e protocolares possuindo legislações complementares que tratam sobre sua preservação, bem como determinações de reprodução e critérios para as mesmas exemplo da Lei nº 5.700, de 01 de setembro de 1971, que dispõe sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais, e dá outras providências, que na seção II, do Hino Nacional, Art. 24 e 25 com incisos e parágrafo disciplinando a execução do Hino Nacional.

Esse dispositivo legal é apenas um exemplo, pois, como ele, há muitos outros nos 26 estados, além do Distrito Federal e os 5.570 municípios que compõem a nação brasileira.

A partir do uso das novas tecnologias e com o advento da internet e sua democratização, decidiu-se consultar a plataforma digital YouTube, que, mesmo não sendo uma plataforma de repositório acadêmico, cumpre nos dias de hoje um papel social à comunidade surda brasileira, um importante papel de suporte que recebe produções das mais variadas, em vídeo tecnologia até o presente momento. A plataforma digital Youtube se apresenta como mais apropriada aos registros das produções em línguas de sinais. Não desconsideramos a temeridade de se tratar de uma plataforma privada, com diretrizes internacionais e futuros interesses econômicos ou, até, de outra ordem, que possam ensejar na retirada da plataforma da rede mundial de computadores ou ainda de mudanças de suas diretrizes. Apesar dessas preocupações, encontramos registros de versões de traduções e interpretações de hinos dos estados brasileiros, como pode ser demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 03 – Panorama de versões na Libras dos hinos dos estados brasileiros, publicados.

Ano de publicação	Estado	Link/Qr-Code
2014	Hino de Alagoas	 https://www.youtube.com/watch?v=zv1Cb6baq-U
2016	Hino do Estado do Maranhão	 https://www.youtube.com/watch?v=obccJmBX6rU
2017	Hino do Espírito Santo	 https://www.youtube.com/watch?v=SO-aidwTHf0

2018	Hino do Amapá	 https://www.youtube.com/watch?v=K19xjUI9bV4
2019	Hino do Goiás	 https://www.youtube.com/watch?v=Ja-ImmQkyIY
2019	Hino de Santa Catarina	 https://www.youtube.com/watch?v=2O1u9kY9rUq
2020	Hino do Pará	 https://www.youtube.com/watch?v=WxUmNDapP-4
2020	Hino do Amazonas	 https://www.youtube.com/watch?v=7PAK73PNuVU&list=RD7PAK73PNuVU&start_radio=1
2020	Hino do Distrito Federal (Brasília)	 https://www.youtube.com/watch?v=-knclqlrzPQ

2020	Hino do Piauí	 https://www.youtube.com/watch?v=0CjKE5KXvFE
2022	Hino Mato Grosso do Sul	 https://www.youtube.com/watch?v=-9bYY_Unzs8
2022	Hino do Rio Grande do Sul	 https://www.youtube.com/watch?v=ixtGgKZ_NSQ
2023	Hino do Ceará	 https://www.youtube.com/watch?v=-ebHvbN96KA
2024	Hino de Rondônia	 https://www.youtube.com/watch?v=q-e_CTbukyA
2024	Hino da Bahia	 https://www.youtube.com/watch?v=KGeLjRtlb5s

Fonte: próprio autor

Neste levantamento encontramos versões de traduções e interpretações dos hinos de 15 Estados brasileiros, do português para Libras. Nessa coleta identificamos a publicação de encontramos, mais antiga, data de 2014. Trata-se do Hino de Alagoas. As mais recentes são dos estados de Rondônia e Bahia, publicadas no corrente ano, 2024. Nesta pesquisa não teve a pretensão de focar em análises pormenorizadas desses produtos para classificá-los como versões de traduções ou versões de interpretações, nem conseguimos fazer uma busca mais aprofundada em outros bancos de dados, como os de universidades, para verificar se alguma dessas produções foram produtos de um estudo acadêmico prévio que apresenta-se desde a sua concepção até a área de estudos a que pertence os Estudos da Tradução ou os Estudos da Interpretação. Em nossa busca não localizamos teses ou dissertações que se debruçaram na tradução de hinos do português para a Libras que não fossem análises de produtos finalizados.

Essa lacuna mostra um campo fértil para que novas pesquisas possam ser pensadas e realizadas, contribuindo significativamente com a área da tradução. A imprecisão na classificação suscita e a discussão de que não basta uma sinalização estar em um suporte de vídeo que possibilite um registro duradouro para um texto possa ser considerado como tradução. E como discutimos acima, apesar de muitos profissionais da área da Libras se auto intitulem TILSP, nas suas práticas profissionais. Nosso recorte demonstra que há pessoas que atuam na verdade como ILS, e queremos deixar claro que esse não é um juízo de valoração, atribuindo mais prestígio a um campo em detrimento de outro. Mas uma constatação de que o campo tem avançado e exigido dos profissionais que esses se especializem mais em uma atuação, não restando a este, muitas vezes, fôlego para dedicar-se também ao outro. Há ainda uma tendência do mercado por especialização por áreas de conhecimento, fazendo com que o cenário na tradução e interpretação em língua de sinais no Brasil, que antes demandava um profissional mais generalista que atuasse em várias em áreas, agora se adequa a um novo cenário que demanda por maior delimitação e especialização nas áreas. Como exemplo, tem-se a área educacional e os seus diferentes níveis: a área artística, a área jurídica, a audiovisual e novos limites vêm sendo cristalizados demarcando áreas que demandam competências e habilidades de profissionais dessa natureza.

5 A PESQUISA E SEUS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa seguiu uma abordagem **qualitativa** uma vez que nos debruçamos a analisar a significação e ressignificação no processo tradutório da versão, para a Libras, do Hino do Maranhão. De acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 31), "A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais". Quanto à natureza, nossa pesquisa se mostra **aplicada**, por apresentar aplicações práticas na busca de soluções nos processos tradutórios. Constitui-se, assim, como uma pesquisa **exploratória**, uma vez que busca lançar luz aos desafios de transpor sentidos de metáforas de uma língua a outra; relativo aos procedimentos trata-se de um estudo de caso uma vez que o objeto de análise do nosso trabalho são as metáforas conceituais orientadas a tradução do hino do Maranhão para a Libras.

E como etapas, primeiramente, nós iremos fazer uma primeira versão da tradução do hino para, então, de posse desse instrumento, identificar as metáforas no texto do Hino do Maranhão, em português, buscando identificar se os trechos em que as metáforas conceituais ocorrem são correspondentes ao mesmos trechos na tradução para a Libras, produzir uma análise quanto à equivalência de sentido entre os textos de partida e de chegada, possibilitando reflexões sobre a tradução com base na teoria linguística e dos estudos sobre as metáforas na Libras, para que então realizemos uma segunda versão da tradução, identificando os problemas tradutórios que perpassam a tarefa e as soluções propostas.

5.1. Hino do Maranhão

A relevância histórica dos hinos estaduais e do o hino nacional, como símbolos, decorre de sua condição de meio primordial de disseminação do senso de unidade e nacionalismo entre as pessoas quanto ao seu país e estado. No contexto de formação dos estados brasileiros como os conhecemos hoje, essas composições capturaram e disseminaram valores imateriais imprimindo-os na formação identitária da nação e seus estados. Elas nos serviram e nos servem até hoje como instrumentos de registro e síntese histórica e cultural de valores e costumes, promovendo e transmitindo o senso identitário que fortalece a consciência coletiva. No Brasil, a língua portuguesa é reconhecida legalmente como idioma oficial, e os símbolos nacionais, como a bandeira e o hino, possuem respaldo constitucional. Além disso, Estados, o Distrito Federal e os Municípios têm a possibilidade de adotar símbolos próprios, o que reforça a valorização das identidades locais dentro do contexto nacional.

O Hino do Maranhão foi escrito no século XIX e publicado pela Lei nº 167562 de 30 de março de 1911, sancionada pelo governador Luís Antônio Domingues da Silva, passando a constar da Constituição do Estado, em seu artigo 7º, como parte integrante dos símbolos do estado, fruto de um movimento nacionalista; movimento esse que se instituiu a partir da Constituição Federal de 1988, que segundo a qual haveria um hino nacional integrado aos símbolos nacionais da república brasileira, cujos entes da federação, ou seja, os estados da república federativa brasileira, também poderiam criar hinos próprios.

A Constituição do Estado do Maranhão, publicada pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão (ALEMA), estabelece que "são símbolos estaduais a bandeira, o brasão e o hino, instituídos em lei" (ALEMA, 2006, p. 23). Considerando todo o conteúdo simbólico presente no texto de um hino, assim como sua relevância histórica e legal como patrimônio imaterial de um povo, que a ele recorre para a transmissão de saberes e valores às futuras gerações, possibilitando que estes conheçam e se reconheçam na história.

Os hinos tem por objetivo despertar um sentimento de patriotismo, nacionalismo e um ideal de país coletivo, senso identitário tão necessário após a consolidação da nação brasileira independente. Depois de um longo período do Brasil como colônia portuguesa, por diversas vezes, seu território invadido por outras nações que reivindicavam a posse de suas terras, mas que, depois de derrotadas, deixavam-nas para a coroa portuguesa.

Não obstante tal cenário, o Estado do Maranhão sofreu uma invasão francesa, fato que culminou com a conhecida batalha de Guaxenduba, que foi vencida pelos portugueses. Depois, a tentativa de invasão dos holandeses, que nem conseguiram atracar na ilha, guerreando em alto mar; no mesmo local onde se iniciou se findou. Nesse contexto, instrumentos simbólicos que reunissem e disseminassem a história, cultura e valores, objetivando construir um senso identitário nacionalista coletivo, faziam-se necessários e foi, para tal objetivo, que serviram as bandeiras e os hinos nacional e estaduais, entre eles, o Hino do Maranhão, tomado como base de estudo desta pesquisa.

Revisitar esse texto produzido no português brasileiro do século XIX, voltando o olhar ao contexto sócio-histórico e cultural de sua produção, identificando suas metáforas e buscando compreender os sentidos propostos pelo autor que, com uma poética e estilística única, produziu uma síntese dos fatos históricos relevantes do Estado e Nação, dando uma contribuição imensurável ao povo.

Compreendemos que as questões linguísticas estão intrinsecamente ligadas às questões sociais, históricas e culturais, bem como que os fatos sociais que são expressos através da língua de um povo, representa o simbólico coletivo desse povo. No Brasil, país de grande extensão territorial, temos por língua oficial a língua portuguesa, hoje denominada português brasileiro, mas, no contexto atual, é

reconhecida a pluralidade linguística do seu povo. Nesse contato de povos e línguas, a tradução consolida-se como uma tarefa necessária à transmissão de saberes, diminuindo, assim, as barreiras.

Abaixo, segue a letra do hino maranhense, de autoria de Antônio Batista Barbosa Godóis:

O Hino do Maranhão,

por Antônio Batista Barbosa Godóis (2006):

I

Entre o rumor das selvas seculares
Ouviste um dia no espaço azul, vibrando
O troar das bombardas nos combates
Após, um hino festival, soando.

Salve Pátria, Pátria amada!
Maranhão, Maranhão, berço de heróis
Por divisa, tens a glória
Por nune, nossos avós.

II

Era a guerra, a vitória, a morte e a vida
E, com a vitória, é a glória entrelaçada
Caía do invasor a audácia estranha
Surgia do direito a luz dourada.

III

Reprimiste o flamengo aventureiro
E o forçaste a no mar buscar guarida
E dois séculos depois, disseste ao luso
A liberdade é o Sol que nos dá vida.

IV

Quando às irmãs os braços estendeste
Foi com a glória a fulgir do teu semblante
Sempre envolta na tua luz celeste
Pátria de heróis, tens caminhado avante.

V

E na estrada esplendente do futuro
Fitas o olhar, altiva e sobranceira
Dê-te o porvir as glórias do passado
Seja de glória tua existência inteira.

Fonte: ALEMA. *Constituição do Estado do Maranhão*, incluindo a Emenda Constitucional nº 50 de 16 de janeiro de 2006. 3. ed. atualizada, ampliada e revisada. São Luís: ALEMA, 2006. p. 249.

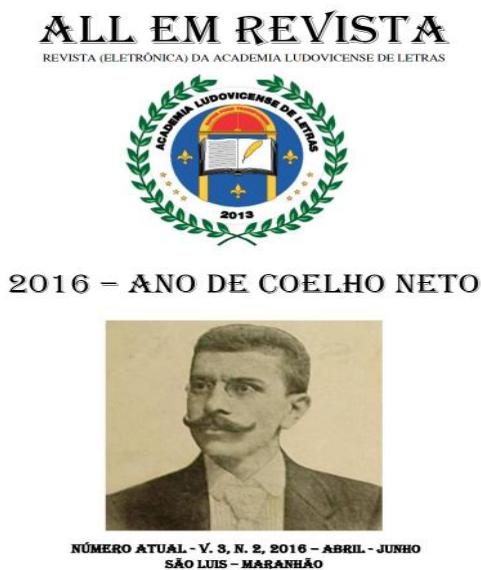
5.2 Maranhão: Hino e Autor

Esta pesquisa teve acesso a achados que apontam Antônio Batista Barbosa de Godóis como membro fundador da Academia Maranhense de Letras, tendo ocupado a cadeira de nº1 e sendo, hoje, patrono da cadeira 16.

As revistas eletrônicas da Academia Ludovicense de Letras guardam importantes registros que compõem um acervo único de obras literárias e seus autores, entre os quais localizamos os registros de edições que apresentamos a seguir. Godóis, escritor, poeta e professor, nasceu na cidade de São Luís no estado do Maranhão em 10 de novembro de 1860 e faleceu em 4 de setembro de 1923, no Rio de Janeiro.

Formado em Direito pela Faculdade do Recife (atual Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco), chegou a exercer o cargo de procurador da Justiça Federal no Maranhão.

Figura 1: Capa de Revista Eletrônica da Academia Ludovicense de Letras



Fonte: VAZ, Leo (Org.). *Revista Eletrônica da Academia Ludovicense de Letras*, Volume 3, Número 2, 2006. Disponível em: https://issuu.com/leovaz/docs/all_em_revista_-_volume_3__numero_3?workerAddress=ec2-54-209-15-202.compute-1.amazonaws.com.

Na política, destacou-se como Deputado Estadual e Vice-Presidente do Estado do Maranhão. Lecionou, como professor de História e Instrução Cívica, na Escola Normal do Estado do Maranhão e na Escola Modelo "Benedito Leite".

Figura 2: Ilustração de Godóis no IHGM.



Fonte: VAZ, Leopoldo Gil Dulcio; SANTOS REINALDO, Telma Bonifácio dos. (Orgs.). *IHGM - Ocupantes de Cadeiras*, Volume 2. São Luís: IHGM, 2013. p. 299. Disponível em: https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu.

Membro fundador da Academia Maranhense de Letras – AML, ocupou a cadeira n.º. 1, cujo patrono é o Professor Almeida Oliveira, atualmente ocupada por Sebastião Moreira Duarte. Entre suas obras, podemos citar a "História do Maranhão", em 2 volumes, publicada em 1904. Destaca-se, também, sua composição da letra do Hino do Estado do Maranhão.

Em nossa pesquisa bibliográfica, os principais dados encontrados acerca do autor do hino foram disponibilizados por duas respeitáveis instituições maranhenses, a Academia Ludovicense de Letras – ALL e a Academia Maranhense de Letras – AML. As duas Academias, que têm por missão a preservação do patrimônio imaterial da nossa literatura, gozam de grande credibilidade em relação à validação de obras literárias e sinalizam que o professor, além de entusiasta da educação, era um literato. Na qualidade de professor ministrou a disciplina de instrução cívica, o que, por certo, o instrumentalizou ao ofício de tecer em linhas uma letra que traduzisse, em suas estrofes, o sentimento nacionalista que hoje reverbera.

5.3 Caracterização da pesquisa.

Esta pesquisa tem como objetivo alcançar uma versão traduzida do *Hino do Maranhão* para a Libras, que atenda aos propósitos do hino. Caracteriza-se pela abordagem qualitativa, pela natureza aplicada e exploratória, com vistas a alcançar resultados não só na dimensão estética, erudita e solene.

Neste estudo de caso o hino, enquanto um instrumento que carrega memórias do Estado, deve ser igualmente relevante, compreensível e representativo para a comunidade surda.

Buscamos preencher uma lacuna tanto para as pessoas surdas, que poderão compreender melhor as camadas de sentidos metafóricos presentes no hino, quanto para os profissionais da tradução e da interpretação, oferecendo um modelo de qualidade a seguir. Além disso, esta pesquisa propõe uma metodologia de estudos específica para a tradução de metáforas conceituais do português para a Libras e vice-versa, contribuindo para o aprimoramento das práticas tradutórias nesse par linguístico.

A fundamentação teórica deste estudo se apoia na Linguística Cognitiva, especialmente nos conceitos de metáforas conceituais e frames mentais, conforme propostos por Lakoff e Johnson. Esses conceitos nos auxiliam nas etapas do processo tradutório, ao permitirem a compreensão dos domínios conceituais das metáforas na língua fonte e a busca por formas equivalentes na língua alvo.

A tradução das metáforas não se dá apenas pela substituição de termos, mas por meio da identificação de como esses domínios se manifestam e podem ser reconhecidos e assimilados pelos dois grupos de falantes: surdos e ouvintes. Esse processo é essencial para garantir que a tradução não apenas preserve o significado do hino, mas também se torne inteligível e significativo para seus novos destinatários, alinhando-se assim à proposta de Tradução Funcionalista de Nord.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se baseia na análise de registros de metáforas conceituais já assimiladas e utilizadas pela comunidade surda. Nesse sentido, os trabalhos de Faria-Nascimento e Silveira Júnior foram de grande valia, pois ofereceram subsídios teóricos e práticos para compreender como metáforas são construídas e interpretadas pelos surdos, em Libras. Além disso, buscamos complementar essa investigação com a análise de vídeos traduzidos por pessoas surdas, uma vez que esses produtos já refletem estratégias cognitivas e linguísticas utilizadas pela comunidade surda para a compreensão e ressignificação de metáforas.

A principal contribuição deste estudo é a reflexão sobre a responsabilidade do tradutor ao transpor sentidos metafóricos de uma língua para outra. O ato tradutório não opera apenas no campo linguístico, mas também, e principalmente, no campo cognitivo. Os acionamentos que fazemos ao transpor sentidos de metáforas envolvem uma rede complexa de associações culturais e estruturais que precisam ser consideradas na prática tradutória.

Dessa forma, esta pesquisa busca ampliar a discussão e aprofundar a análise do papel do tradutor no processo tradutório. Ao alinhar-se às orientações de Christiane Nord, enfatizamos a necessidade de que a tradução atenda às necessidades comunicativas e culturais do público-alvo, garantindo que o produto final cumpra sua função, tanto para a comunidade surda, quanto para a ouvinte.

Entre os desafios encontrados, destaca-se a impossibilidade de submeter a versão final da tradução a um grupo de participantes surdos para avaliação da recepção em virtude do tempo do mestrado. As limitações de tempo e as exigências burocráticas impediram a realização dessa etapa, o que representaria um aprofundamento significativo dos resultados. No entanto, essa limitação também aponta possibilidades para pesquisas futuras, que poderão expandir esta investigação ao incorporar a recepção da tradução e seu impacto para a comunidade surda.

Esta pesquisa contribui, sobretudo para a aproximação entre a Linguística Cognitiva e os Estudos da Tradução, desvelando novos e possíveis caminhos para a tradução de metáforas entre o português e a Libras. Ao articular essas duas perspectivas teóricas, o estudo não apenas avança na reflexão sobre as metáforas como construções cognitivas e sociais, mas também propõe estratégias concretas para sua tradução, promovendo uma prática tradutória mais consciente, sensível e alinhada às demandas comunicativas do público surdo.

5.4 Etapas da pesquisa

O processo metodológico adotado nesta pesquisa seguiu um conjunto estruturado de etapas que visam garantir uma análise aprofundada das metáforas presentes no Hino do Maranhão e a sua tradução para a Libras. A organização dessas etapas permitiu um percurso investigativo que combinou a prática tradutória com a análise teórica, fundamentada na Linguística Cognitiva e na Análise Textual Orientada à Tradução.

A primeira etapa consistiu na produção da versão inicial da tradução do Texto Alvo (TA). Esse momento inicial teve como objetivo estabelecer uma base preliminar para a tradução, permitindo a observação dos desafios tradutórios e das primeiras escolhas linguísticas adotadas. Para acompanhar esse processo, foi elaborado um diário de tradução, no qual foram registrados os desafios, estratégias utilizadas, ajustes necessários e reflexões sobre as decisões tomadas. O diário se tornou uma ferramenta essencial para documentar os problemas tradutórios enfrentados e serviu como base para as etapas posteriores de refinamento da tradução.

A partir dessa primeira versão e das reflexões registradas no diário, iniciamos a identificação das metáforas presentes no Texto Fonte (TF). Essa análise visou mapear os trechos nos quais ocorrem construções metafóricas e compreender os domínios conceituais subjacentes a essas expressões. Em seguida, realizamos uma análise detalhada das metáforas dentro do contexto de origem, considerando os aspectos culturais, históricos e cognitivos que influenciam a construção de sentido no TF.

Com base nessa análise, passamos a verificar como essas metáforas foram tratadas na primeira versão do Texto Alvo (TA), comparando os trechos correspondentes nos dois textos. O objetivo dessa

etapa foi identificar se houve ou não a preservação da construção de sentidos e se a equivalência metafórica foi bem estabelecida no contexto de chegada.

Nos casos em que a metáfora não alcançou plenamente o sentido pretendido no TA, foi necessário repensar a tradução, utilizando a teoria linguística cognitiva como base para a reelaboração da metáfora em Libras. Esse processo exigiu a consideração de aspectos como a coerência com os frames mentais da comunidade surda, a inteligibilidade da metáfora no contexto da língua alvo e a adequação ao propósito comunicativo do hino. Foi nessa etapa também que complementamos nossos estudos com pesquisas que abordam como a comunidade surda constrói suas metáforas conceituais e as significam, buscamos traduções produzidas por tradutores surdos com temas similares a produção pretendida a fim de identificar soluções que esses apresentavam em suas traduções. Dos trabalhos pesquisados destacamos o trabalho de Faria-Nascimento (2003), Silveira Junior (2018), Sutton-Spence e Machado (2023) e Monteiro (2023)

A partir dessas reflexões, elaboramos uma segunda versão da tradução do Texto Alvo, incorporando os ajustes necessários para garantir que as metáforas fossem melhor assimiladas pela comunidade surda. Essa versão revisada buscou equilibrar fidelidade ao sentido original com a naturalidade na Libras, permitindo que os elementos metafóricos fossem compreendidos dentro da estrutura cognitiva e cultural dos destinatários.

Por fim, realizamos uma análise crítica do processo tradutório, identificando os principais problemas enfrentados ao longo da pesquisa. Incluímos uma análise comparativa entre a primeira versão e a segunda versão para identificar as mudanças de uma versão a outra e o que as motivou para tornar esse processo o mais didático possível. Essa etapa final permitiu destacar os desafios recorrentes na tradução de metáforas entre o português e a Libras, além de apontar caminhos para futuras investigações e práticas tradutórias.

Dessa forma, a pesquisa não apenas propôs uma versão do Hino do Maranhão acessível à comunidade surda, mas também contribuiu para o avanço dos estudos sobre a tradução de metáforas e o aprimoramento das metodologias aplicadas ao par linguístico português-Libras.

5.5 Diário de Tradução

Abertura do Diário de Tradução

O diário de tradução é uma ferramenta metodológica essencial para o acompanhamento, registro e análise do processo tradutório. Ele possibilita ao tradutor documentar as decisões tomadas, os desafios enfrentados e as soluções encontradas ao longo do percurso. Como destacado por Álvarez (2007, apud ALBRES, 2020, p. XX) afirma que consiste no registro contínuo que se faz com a justificativa das decisões de tradução por escrito, onde fundamentam-se as estratégias de maneira organizada do processo da tradução, contribuindo com a capacidade de racionalizar seu próprio processo de tradução;. Já Galindo (2005), o registro no diário deve incluir tanto as questões linguísticas e extralinguísticas quanto os materiais e fontes consultados, evidenciando as dificuldades enfrentadas e as decisões tomadas em resposta aos problemas tradutórios. Essa abordagem reflexiva é crucial, especialmente em projetos complexos, como a tradução de textos poéticos ou simbólicos, onde cada escolha pode impactar significativamente o resultado final. O diário de tradução é utilizado não apenas como uma ferramenta de registro, mas também como uma técnica de investigação qualitativa e introspectiva, comum na metodologia de tradução comentada, ampliando a consciência do tradutor sobre seu próprio processo e, consequentemente, a qualidade do texto traduzido. Dessa forma, o diário tem um papel duplo: enquanto instrumento técnico, organiza e documenta o processo; enquanto ferramenta acadêmica, proporciona insights sobre as interações entre o tradutor, o texto de partida e o público-alvo. Esse registro contínuo não apenas revela o percurso das decisões tradutórias, mas também aprofunda a compreensão sobre os desafios culturais e linguísticos que envolvem o ato de traduzir.

Data e Contexto:

- Data: 11/07/2024
- Hora: Por volta das 17:30
- Local: Espaço de estudos em casa.
- Ferramentas utilizadas: Smartphone para gravação e vídeo de referência do hino no YouTube.

Descrição da Atividade:

Durante a elaboração da primeira versão da tradução do Hino do Maranhão, uma das minhas maiores preocupações foi garantir que a sinalização respeitasse o referente ao texto e o espaço de sinalização em Libras. O objetivo era que a concordância espacial alcançasse um efeito de validação junto ao público surdo, garantindo que eles pudessem compreender e se conectar com o texto de forma plena.

Escolhas Tradutórias e Estratégias:

- Trabalhei cuidadosamente para associar os referentes do texto-fonte a pontos específicos no espaço de sinalização, reforçando a concordância e a coerência visual.
- Preocupei-me em garantir que os sinais fossem claros, precisos e respeitassem as convenções da Libras, buscando validar a tradução com a reação do público.
- Busquei sinais que criassem um impacto emocional e cognitivo, observando o potencial de engajamento visual e simbólico com o público surdo.

Reflexões sobre o Processo:

- Sempre considereirei como um indicativo de sucesso na tradução o momento em que vejo o público surdo assentindo com a cabeça, de forma afirmativa, durante a sinalização. Esse gesto, para mim, é uma prova de validação de que minha tradução está alcançando os resultados esperados em termos de comunicação e conexão emocional.

- Essa preocupação em validar a tradução pelo feedback visual direto do público reforça a importância de pensar na funcionalidade do texto-alvo e no impacto imediato que ele tem na experiência dos receptores.
- No entanto, percebi que essa abordagem intuitiva poderia ser complementada com análises teóricas mais estruturadas, especialmente no que diz respeito ao uso do espaço de sinalização e à escolha de referentes simbólicos.

Referências Teóricas para Reflexão Posterior:

- A teoria funcionalista de Christiane Nord reforça a necessidade de adaptar o texto traduzido às expectativas do público-alvo, o que converge com minha preocupação em observar a validação direta do público surdo.
- Estudos sobre a pragmática da Libras e o uso do espaço de sinalização seriam úteis para aprofundar a compreensão sobre como alcançar maior clareza e impacto na tradução.
- A linguística Cognitiva, especialmente no que diz respeito aos acionamentos mentais provocados por metáforas visuais, pode contribuir para refinar as escolhas tradutórias e aumentar o engajamento do público surdo.

Diário de Tradução – Segundo dia

No dia 02/12, realizei a defesa de qualificação da minha pesquisa. A partir desse momento, dei início aos aprofundamentos teóricos sobre a metáfora conceitual da linguística cognitiva. Esse aprofundamento me levou a refletir novamente sobre o texto da primeira versão da tradução, que até então estava razoavelmente boa, com poucas alterações necessárias. No entanto, ao analisar as metáforas presentes no texto fonte, percebi que existiam algumas sinalizações com vários “furos”, ou seja, aspectos que poderiam ser compreendidos de forma isolada, mas que, quando considerados no contexto geral da tradução, estavam aquém dos objetivos das metáforas propostos pelo autor.

- A metáfora conceitual, conforme apresentada na teoria da linguística cognitiva, sugere que há um domínio maior, e que a expressão metafórica é uma materialização linguística de uma conceitualização sobre o ser e o estar no mundo, bem como o entendimento dessa realidade. Diante disso, comecei a perceber que as metáforas utilizadas na tradução não estavam suficientemente conectadas aos sentidos mais profundos e ampliados que o texto original poderia transmitir.
- Com isso, passei a buscar alternativas para melhorar a tradução, visando expressar os sentidos mais próximos aos encontrados nas análises das metáforas conceituais, a fim de garantir uma tradução mais precisa e fiel à intenção original do autor.

Diário de Tradução – Intercâmbio e Reflexões

- Fui convidado para integrar a equipe de interpretação e organização do II Seminário Nacional de Literatura Surda: Produção e Formação das Mãos Literárias, em Natal, RN. Essa experiência foi uma oportunidade ímpar de intercâmbio de conhecimentos, além de ser um momento de contato com artistas e pesquisadores da área, vivenciando o universo da arte e literatura em Libras, que vai além da simples sinalização. Alguns encontros durante o seminário me proporcionaram reflexões muito profundas, uma das quais destaco: a oficina temática Performance Visual de Narrativa, ministrada pelo Professor Cristiano José Monteiro.
- Na oficina, tive a oportunidade de conhecer diversas estratégias do Visual Vernáculo (VV), uma abordagem que considero essencial para a tradução e produção de narrativas em Libras. Ao final da oficina, fiquei decidido a aplicar essas novas estratégias em meu trabalho de tradução, visando enriquecer ainda mais minha abordagem.
- No entanto, devido à exiguidade de tempo para concluir e defender minha qualificação, a banca de qualificação me dissuadiu de incluir essas estratégias nesse momento. Contudo, essa experiência me motivou e me animou a continuar a pesquisa, com a perspectiva de incorporá-las em projetos futuros.

Diário de Tradução – Após a Qualificação

Após o dia 02/12, quando ocorreu minha defesa de qualificação, tive uma série de encontros com os membros da banca. Esses encontros geraram muitas ideias fervilhando na minha cabeça, e diversas possibilidades para o desenvolvimento da tradução começaram a surgir. No entanto, apesar da motivação e da empolgação, a semana seguinte foi muito apertada devido ao trabalho. Como também atuo em uma TV, solicitei ajuda de um técnico, o David, para me auxiliar nas gravações. Porém, a gravação da segunda versão do Hino só aconteceu no dia 06/12, pois eu ainda estava em busca de respostas para algumas questões relacionadas à tradução, que eram fundamentais para a construção dessa nova versão. Foi então que decidi intensificar minha pesquisa e, como uma forma de otimizar meu tempo, comecei a explorar conteúdos sobre os elementos do Visual Vernáculo (VV) no YouTube. Passei a consumir esse conteúdo de forma intensiva, transferindo os arquivos dos trabalhos de mestrado da Professora Sandra, Mônica, Wharley, do Professor Cristiano e outros, para um aplicativo de leitura enquanto eu ia e voltava do trabalho. Como sou motociclista, essa foi uma alternativa eficaz de aproveitamento do tempo, permitindo que eu continuasse o processo de aprendizado mesmo durante os deslocamentos.

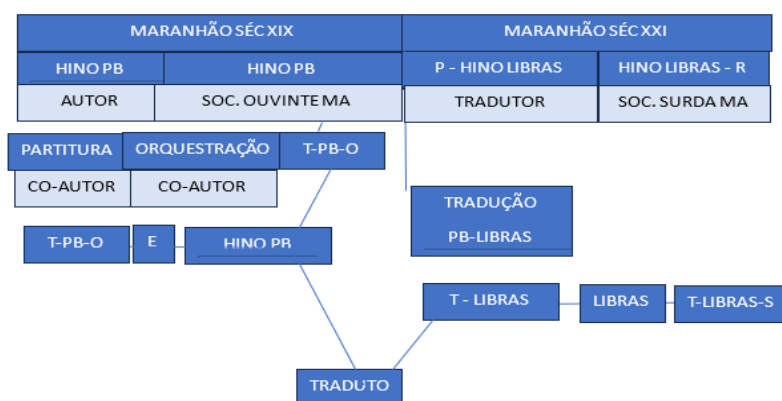
Uma das alterações que mais me surpreendeu foi como eu estava localizando o “ouviu-se um dia”, e como essa alteração levava o sentido do texto para outro patamar. Uma outra tomada de decisão após a qualificação foi o resgate mesmo que parcial dos processos por trás da produção da versão a tradução do hino. E para isso eu selecionei um traduções de versões do hino as que tinham tradutores surdos o que fez total diferença na minha 2 versão de tradução do hino porque pude aplicar melhor. Este diário foi escrito de forma livre para que o registro de nosso processo de tomadas de decisões tradutórias estivesse em algum lugar

5.6 Categorias de análise

A categoria de análise desta pesquisa são as metáforas conceituais e suas construções de sentido, tendo como lentes a Linguística Cognitiva que nos traz conceitos como os da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), proposta por Lakoff e Johnson (1980).

Analisar a versão 1 e a versão 2, quais mudanças e quais alterações foram feitas e quais as motivações delas.

Quadro 4: O esquema adaptado do processo de ação tradutória de Nord (2016)



Fonte: autor

Na adaptação acima, aplicamos o esquema de fluxo onde a SIT-F para nós se apresenta no contexto histórico do Maranhão do século XIX; a PRODUÇÃO - TF, o texto do hino foi produzido no português brasileiro pelo autor; a RECEPÇÃO - TF, se deu pela sociedade ouvinte da época no Maranhão; no diagrama original da autora há lacunas ou espaços vazios representados por (X) que podem representar outros participantes que podem estar eventualmente envolvidos, foi então que fizemos menção como coautores aqueles que fizeram a partitura e a orquestração, para nossas análises a contribuição deles não afetará uma vez que nosso foco está na construção das metáforas conceituais produzidas pelo texto em português. O (TF-R) para nosso trabalho foi definido como T de texto, PB português brasileiro e O oral por se dar na oralidade. Na sequência ainda no campo da situação comunicativa fonte (E) emissor foi mantido, a autora faz uma discussão quanto ao produtor (P) que não necessariamente aquele que produz o texto é o mesmo que faz a emissão por isso ela julgou importante apresentar essa distinção e nós acatamos porque dialoga consonante com a nossa pesquisa uma vez que o autor do hino não é o que o executa em solenidades. Na sequência no (TF) mantivemos o Hino no PB.

Nesse ponto (INI) a autora apresenta como o iniciador e em nota explicativa diz que um tradutor pode fazer uma tradução sendo este um iniciador do processo (TRD = INI). Começamos a deslocar da SIT-F para a SIT-A e como apresentado anteriormente o TRD em nossa adaptação corresponde ao tradutor da Libras (T-Libras). Já no campo (X) incluímos a tradução do PB para a Libras.

Destacamos ainda que o tradutor não é um receptor comum pelas reflexões e análises que este propõe; passando para a Libras que é a língua para a qual o texto foi traduzido. Na situação alvo (SIT-A), temos a figura do contexto alvo do texto que no presente momento, é o contexto contemporâneo do estado do Maranhão; sendo a produção do texto alvo produto do autor da versão traduzida e a recepção do texto alvo o hino na Libras a sociedade surda maranhense.

Já em uma aplicação a nossa pesquisa da tabela de Nord (2016), presente no capítulo de tradução, chegamos as seguintes respostas:

Quadro 5 – Fatores extratextuais e intratextuais na análise textual em tradução (adaptada de Nord, 2016)

Fatores Extratextuais	Fatores Intratextuais
Quem transmite? R. O autor; Godóis, é quem escreve o texto do hino, mas haverá outros intérpretes, como cantores e declamadores.	Sobre qual assunto ele diz? R. O autor fala sobre a história, ancestralidade, as lutas, a natureza exuberante e os valores culturais do Maranhão, exaltando o estado como um símbolo de orgulho e identidade.
Para quê? R. Para exaltar a história, a natureza e os valores culturais do Maranhão, reforçando o orgulho e a memória coletiva.	O quê? R. O hino descreve a natureza grandiosa do Maranhão, a bravura de seu povo em batalhas, a herança cultural e a celebração do estado como uma "Pátria amada".
Para quem? R. Para os cidadãos maranhenses e interessados na história e cultura do estado.	O que não? R. Não detalha eventos históricos específicos, não faz críticas sociais ou políticas, não menciona a cultura popular nem as populações indígenas ou afrodescendentes diretamente.
Por qual meio? R. Por meio da forma escrita em português brasileiro, como símbolo oficial do Maranhão.	Em qual ordem? R. O texto segue cinco estrofes e um refrão, começando com a exaltação da natureza e passando por batalhas históricas, finalizando com celebrações de glória e herança cultural. A sequência das estrofes apresenta interpretações sobre eventos históricos, como disputas territoriais e a independência do Brasil.
Em qual lugar? R. No estado do Maranhão, Brasil, representando o contexto histórico e cultural maranhense.	Utiliza quais elementos não verbais? R. Não há elementos não verbais identificados no texto original, mas foi musicalizado posteriormente, com a melodia intensificando a mensagem.
Quando? R. Produzido no século XIX, em um contexto de valorização da identidade regional.	Com quais palavras? R. O autor usa uma linguagem formal, com palavras solenes e poéticas, carregadas de simbolismo, como "glória" e "heróis", criando imagens sensoriais com expressões como "selvas seculares" e "troar das bombardas".
Por quê? R. Para criar um símbolo cultural que represente a história e a identidade do Maranhão.	Em quais orações? R. O texto é composto por orações descritivas extensas, com metáforas e imagens poéticas, misturando orações simples e compostas, subordinadas e coordenadas, criando um tom celebrativo.

Fonte: Adaptado de Nord (2016), pelo autor.

Quanto ao questionamento da tabela "Com qual efeito?", a análise engloba os dois campos de avaliação mencionados por Nord (2016). Como ela aponta, "refere-se, portanto, a um conceito global ou holístico, que inclui a interdependência dos fatores extratextuais e intratextuais". Nesse sentido, ao buscar compreender o efeito do Hino do Maranhão, que foi composto para ser executado em momentos de exaltação cívica e celebração da cultura maranhense, espera-se que ele desperte, nos maranhenses, um forte sentimento de orgulho, identidade e conexão com sua história e cultura. A organização das palavras e as metáforas poéticas não se limitam a uma descrição histórica, mas visam criar uma sensação de continuidade e força histórica. O uso de termos como "glória" e "heróis" exalta a ideia de um passado heroico que ainda ressoa no presente, ampliando o efeito de exaltação e orgulho.

5.7 Processo de tradução

Essa primeira versão da tradução do Hino do Maranhão teve como objetivo servir de referência para estabelecermos comparações entre o texto fonte em português e o texto da versão traduzida para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir dessa versão inicial, buscávamos então identificar os pontos de equivalência entre o texto original e a tradução, assim como os trechos que necessitariam de retradução, a fim de aprimorar e adequar a versão em Libras. O processo de análise e discussão que seguiria contou com o aporte da Teoria da Análise Textual em Tradução de Nord (2016), que orientou o percurso da tradução, bem como a Teoria das Metáforas Conceituais de George Lakoff e Mark Johnson (2002), da Linguística Cognitiva, que serviu de base para a análise das metáforas presentes no texto do

hino. Além disso, utilizamos as contribuições de Farias (2003), pioneira nos estudos sobre metáforas em Libras no Brasil, aplicando seus fundamentos de forma a enriquecer o processo tradutório e suas implicações culturais e linguísticas no contexto específico da tradução do Hino do Maranhão.

A primeira versão da tradução foi elaborada de forma empírica, com base na minha experiência prévia como tradutor/intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e no conhecimento adquirido ao longo da minha formação acadêmica e prática profissional. O processo se deu de maneira intuitiva, sem recorrer a leituras aprofundadas sobre o tema, mas utilizando um conhecimento referencial pré-existente sobre a língua portuguesa, a Libras, e a história do Brasil, especialmente a história do Maranhão. Busquei uma tradução que fosse acessível e representativa, respeitando a estrutura e o contexto cultural do Hino do Maranhão.

A tradução foi realizada em um ambiente familiar, no meu quarto de estudos, com o auxílio do meu celular, o que permitiu uma primeira versão rápida e funcional, visando a criação de um ponto de partida para as análises subsequentes. Busquei também que essa versão fosse representativa do local de experiência que compartilho com meus pares, que frequentemente se veem na necessidade de interpretar ou traduzir o hino, e na maioria das vezes, contando com os mesmos recursos limitados que eu.

Esse fator influenciou a criação de uma tradução prática, visando à aplicabilidade imediata no contexto de interpretação de Libras, sem deixar de lado a riqueza simbólica do texto original. Esse processo inicial teve como principal objetivo gerar um produto que pudesse ser comparado com o texto fonte em português, permitindo, assim, a identificação de possíveis ajustes e melhorias, e possibilitando a discussão das questões linguísticas e culturais envolvidas na transposição do texto para Libras.

Para complementar a explicação sobre o processo de tradução, apresento a seguir o QR Code, que direciona ao vídeo da primeira versão da tradução do Hino do Maranhão. Este vídeo foi depositado no meu canal no YouTube, configurado como "não listado", ou seja, acessível exclusivamente a partir do link compartilhado, e com o objetivo exclusivo de ser utilizado nas análises e discussões propostas nesta pesquisa. A disponibilização do vídeo tem como propósito fornecer um instrumento visual para a comparação entre o texto fonte e o texto traduzido, além de permitir uma reflexão sobre as decisões linguísticas e culturais que permeiam o processo de tradução para Libras.

Quadro 6: Imagem ilustrativa e QR Code da 1ª Versão da Tradução do Hino do Maranhão



Após as discussões e análises realizadas ao longo deste trabalho, a segunda versão da tradução do Hino do Maranhão foi desenvolvida, agora orientada pelos resultados das reflexões sobre as metáforas conceituais, que foram aplicadas ao processo de tradução para a Libras. Essa versão representa o produto do estudo proposto nas análises, nas quais aplicamos a teoria das metáforas conceituais da linguística cognitiva, uma teoria que, embora amplamente utilizada nas pesquisas linguísticas sobre a língua em uso, foi aqui adaptada para a análise e aplicação das metáforas presentes no hino.

O estudo se concentrou em entender como essas metáforas poderiam ser transpostas para a Libras de forma a preservar seus sentidos no contexto da tradução. O QR Code a seguir direciona para o vídeo da segunda versão da tradução, que reflete as modificações feitas com base nas conclusões obtidas ao longo das análises linguísticas e teóricas realizadas.

Quadro 7: Imagem ilustrativa e QR Code da 2ª Versão da Tradução do Hino do Maranhão



6 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises dos dados obtidos no processo de tradução do Hino do Maranhão para a Libras, com foco nas metáforas conceituais identificadas. As metáforas, enquanto estruturas cognitivas que permitem compreender um conceito em termos de outro (Lakoff e Johnson, 2002), desempenham um papel central no texto do Hino do Maranhão, contribuindo para o tom celebrativo e a exaltação da identidade cultural maranhense. Aqui, as metáforas conceituais presentes no texto fonte serão analisadas à luz de suas traduções para a Libras, avaliando-se os desafios e as soluções propostas para manter os sentidos e os efeitos do texto original.

A análise será apresentada em quadros organizados com as seguintes colunas: o texto original (em português), a primeira versão da tradução em Libras, a metáfora conceitual identificada no português, a metáfora conceitual equivalente ou adaptada para a Libras e uma análise crítica do processo

de transposição. Este formato permite uma comparação clara entre os textos e evidencia os desafios e soluções relacionados ao processo de tradução.

6.1 Metáforas conceituais e o hino do Maranhão

Inicialmente, foram identificadas as metáforas conceituais presentes no texto em português, com base na teoria de Lakoff e Johnson (2002). A partir dessas identificações, foi possível classificar as metáforas de acordo com os domínios cognitivos que conectam os conceitos figurativos e os concretos.

Quadro 8: Análise das Metáforas Conceituais da 1ª estrofe (versão 1)

Texto Original (Português)	Tradução/Glosa (Libras)	Metáfora Conceitual em Português	Metáfora Conceitual em Libras	Análise
"Entre os rumores das selvas seculares"	GUERRA++ MUNDO APONTAR	A NATUREZA É UMA GUARDIÃ DO PASSADO	A NATUREZA É TESTEMUNHA HISTÓRICA	A tradução adapta o conceito de "rumores das selvas" para "mundo em guerra".
"Ouviu-se um dia, no espaço azul vibrando"	OLHAR PISCAR	LUZ++ O ESPAÇO É UM ELEMENTO VIVO	OLHOS VIVOS ATENTOS	O "ouviste" foi adaptado para o "olhar", dando ênfase ao piscar das luzes.
"O troar das bombardas nos combates"	GUERRA+++ BARCO++ CANHÃO TIRO	A LUTA É UM ESPETÁCULO AUDITIVO	A LUTA É UM ESPETÁCULO VISUAL	O som das bombardas foi traduzido para representações visuais e espaciais tiros de guerras, luzes e explosões.
"Após, um hino festival, soando"	DESVANECER MÚSICA PALMA++/FESTA VENCER PALMA++	O FESTIVAL É UMA PONTE TEMPORAL	O FESTIVAL DESDE O PASSADO ATÉ O PRESENTE	A ideia de "festival" foi adaptada como “palmas celebram” desde o acontecimento até hoje através da orientação do movimento crescente e direção visível na Libras.

Quadro 9: Análise das Metáforas Conceituais do refrão (versão 1)

Texto Original (Português)	Tradução/Glosa (Libras)	Metáfora Conceitual em Português	Metáfora Conceitual em Libras	Análise
“Salve Pátria, Pátria amada!”	PALMAS PAÍS AMOR	A PÁTRIA É UMA MÃE	A PÁTRIA É UMA MÃE	A metáfora "Pátria amada" simboliza uma relação de afeição e pertencimento. Em Libras, se mantém a metáfora “Pátria amada”
“Maranhão, Maranhão, berço de heróis”	MARANHÃO MANJEDOURA AQUI CAMPEÃO	A PÁTRIA É UM LEGADO HERÓICO	A PÁTRIA É UM LEGADO HERÓICO	A expressão "berço de heróis" faz o Maranhão ser visto como um espaço de origem e memória histórica. Em Libras, uma ideia de “legado” adaptado “manjedoura de campeões”.
Por divisa, tens a glória	GLÓRIA DIVISA	A GLÓRIA É UM EMBLEMA DE VALORES	A GLÓRIA É UM EMBLEMA DE VALORES	A “glória” é algo conquistado e altamente valorizado. Em Libras, o sinal de “glória” é levado ao ombro e posicionado como divisas.
"Por nune, nossos avós"	FAMÍLIA GERAÇÃO PROTEÇÃO	O PODER DOS ANCESTRAIS COMO LEGADO DIVINO	O PODER DOS ANCESTRAIS COMO LEGADO DIVINO	A expressão "por nunes nossos avós" sugere uma conexão divina ou ancestrais. Em Libras, o gesto de respeito aos mais velhos pode ser complementado por um sinal que evoca uma ideia de força ou poder.

Quadro 10: Análise das Metáforas Conceituais da 2ª estrofe (versão 1)

Texto Original (Português)	Tradução/Glosa (Libras)	Metáfora Conceitual em Português	Metáfora Conceitual em Libras	Análise
"Era a guerra, a vitória, a morte e a vida""	GUERRAS MORTE VIDA	A guerra é um espetáculo de contrastes entre vida e morte	Guerra como conflito visualizado, vida e morte com movimento de contrastes	A guerra é apresentada como um evento épico e totalizante, onde as forças de vida e morte estão em constante confronto.
"E, com a vitória, é a glória entrelaçada"	VENCER GLÓRIA	A vitória é uma conquista divina, a glória é entrelaçada à vitória	história representada como vitória e glória entrelaçadas, talvez por sinais conjuntos	A metáfora conecta vitória e glória como elementos inseparáveis, sugerindo que a vitória traz consigo um reconhecimento sublime.
"Caía do invasor a audácia estranha"	INVASÃO VERGONHA DESVANECER	A morte como o fim de um ciclo, a falha do invasor (audácia caindo)	O invasor caindo, com sinais de falha e declínio no movimento do corpo	A morte do invasor simboliza o fim da ameaça, com a audácia sendo derrotada, representando a justiça restaurada.
"Surgia do direito a luz dourada"	MOSTRAR BRILHO DIREITO	A luz como um símbolo de justiça e verdade, o direito iluminando	Luz dourada associada a justiça e clareza, com gestos de clareza e brilho	luz dourada representa a manifestação do direito e da verdade, sugerindo que a justiça traz clareza e direção.

Quadro 11: Análise das Metáforas Conceituais da 3ª estrofe (versão 1)

Texto Original (Português)	Tradução/Glosa (Libras)	Metáfora Conceitual em Português	Metáfora Conceitual em Libras	Análise
"Quando às irmãs os braços estendeste"	AJUDA, AJUDA	A pátria é uma mãe que abraça, estende os braços para suas irmãs	Gestos de acolhimento, abraços e acolhimento como sinais de uniões	A pátria assume o papel de cuidadora, acolhendo e estabelecendo laços com outras províncias ou estados.
"Foi com a glória a fulgir do teu semblante"	GLÓRIA BONITO	A glória é um brilho radiante, emanando do semblante da pátria	A glória representada por brilho nos gestos faciais, como um brilho interno	A glória se manifesta externamente, através de uma expressão iluminada, destacando a dignidade da pátria.
"Sempre envolta na tua luz celeste"	LEMBRAR CÉU	A luz como símbolo de força divina e orientação, envolta em proteção)	A luz como uma aura divina envolvendo a pátria, com gestos que indicam proteção	A luz celeste sugere que a pátria é guiada por uma força transcendente e positiva.
"Pátria de heróis, tens caminhado avante"	LUTAR SUCESSO	A pátria como uma caminhante heróica, sempre avançando com honra	Movimento contínuo, com gestos que indicam perseverança e avanço	A pátria é retratada como um símbolo de progresso, com base em uma trajetória heróica.

Quadro 12: Análise das Metáforas Conceituais da 4ª estrofe (versão 1)

Texto Original (Português)	Tradução/Glosa (Libras)	Metáfora Conceitual em Português	Metáfora Conceitual em Libras	Análise
"Reprimiste o flamengo aventureiro"	GUERRAS MORTE VIDA	O flamengo é um inimigo que é dominado, reprimido pela força da pátria	Movimentos de luta ou contenção representando a repressão de uma ameaça	A pátria é vista como forte e capaz de repelir forças externas invasoras, restaurando a ordem.
"E o forçaste a no mar buscar guarida"	VENCER GLÓRIA	O mar é um refúgio, um lugar de segurança para os invasores derrotados	O mar representado por gestos amplos e distantes, sugerindo um espaço seguro	O mar simboliza a fuga e o refúgio, representando a derrota do invasor e seu afastamento da terra.
"E dois séculos depois, disseste ao luso"	INVASÃO VERGONHA DESVANECER	O "luso" é um símbolo de opressão que é confrontado após dois séculos	Gestos desafiadores que indicam confronto e resistência ao colonizador	Após dois séculos de domínio, o Maranhão afirma sua autonomia e se posiciona contra a opressão.
"A liberdade é o Sol que nos dá vida"	MOSTRAR DIREITO BRILHO	A liberdade como o Sol que alimenta e dá vida à pátria	Luz solar associada à liberdade, com gestos que indicam calor e renovação	A liberdade é essencial para o desenvolvimento e renovação da nação, como o Sol é para a vida

Quadro 13: Análise das Metáforas Conceituais da 5ª estrofe (versão 1)

Texto Original (Português)	Tradução/Glosa (Libras)	Metáfora Conceitual em Português	Metáfora Conceitual em Libras	Análise
"E na estrada esplendente do futuro"	GUERRAS MORTE VIDA	O futuro como uma estrada esplendente, cheia de glórias e promessas	Sinais que indicam uma trajetória brilhante à frente, com otimismo	O futuro é descrito como um caminho de sucesso e realizações, com um brilho de esperança.
"Fitas o olhar, ativa e sobranceira"	VENCER GLÓRIA	O olhar como sinal de determinação e confiança, ativa e sobranceira	Sinais de olhar firme, com postura ereta, indicando orgulho e confiança	O Maranhão é retratado como uma nação segura e orgulhosa de sua identidade e futuro.
"Dê-te o porvir as glórias do passado"	INVASÃO VERGONHA DESVANECER	O futuro como o legado das glórias do passado	Sinais que conectam o presente com o passado, indicando continuidade	A metáfora sugere que o futuro será construído com base nas vitórias e legados históricos da pátria.
"Seja de glória tua existência inteira"	MOSTRAR DIREITO BRILHO	A existência como uma trajetória de glória contínua	Sinais que indicam uma caminhada contínua de vitória e honra	A vida da pátria é vista como uma jornada de realização e sucesso constante, marcada pela glória.

A primeira estrofe do Hino do Maranhão estabelece uma conexão entre a história e a cultura local, associando-a a elementos naturais e sonoros. Utilizam-se metáforas como "rumores das selvas seculares" e "troar das bombardas" para evocar essa relação. A expressão "O SOM É UMA HISTÓRIA VIVA" sugere que os sons funcionam como veículos de memória histórica, enquanto "A NATUREZA É UMA GUARDIÃ DO PASSADO" aponta para a preservação do legado histórico presente na paisagem maranhense. Essa estrofe também remete à luta histórica pela liberdade, simbolizada pelo "troar das bombardas", e celebra o triunfo com a imagem do "festival soando", sinalizando um momento de vitória.

O refrão do hino exalta o Maranhão como um estado heroico, glorioso e ancestral. Metáforas como "A PÁTRIA É UMA MÃE" reforçam o vínculo afetivo com o estado, enquanto expressões como "A PÁTRIA É UM LEGADO HERÓICO" e "A GLÓRIA É UM EMBLEMA DE VALORES" ressaltam o orgulho coletivo e o respeito pela história. Os frames ativados, como os frames familiar e histórico, promovem um forte senso de pertencimento, ancestralidade e continuidade cultural. Essa parte do hino sublinha o Maranhão como um símbolo de resistência e patrimônio histórico.

A segunda estrofe do Hino do Maranhão apresenta a guerra como um evento épico que contrapõe vida e morte, simbolizando o confronto universal entre forças opostas. A metáfora "A GUERRA É UM ESPETÁCULO DE CONTRASTES ENTRE VIDA E MORTE" transforma o conflito em uma narrativa grandiosa e totalizante. A vitória, descrita como entrelaçada à glória, é evocada pela metáfora "A VITÓRIA É UMA CONQUISTA DIVINA", sugerindo que a conquista traz consigo não apenas o reconhecimento, mas também uma dimensão transcendental. A queda do invasor é interpretada através da metáfora "A MORTE É O FIM DA AUDÁCIA", representando a derrota do oponente e a restauração da justiça. Por fim, a "luz dourada do direito" reflete a metáfora "A LUZ É JUSTIÇA E VERDADE", conectando o brilho à revelação de um futuro iluminado e justo. Essa estrofe reforça a narrativa heroica ao destacar a dualidade entre conflito e resolução, com a justiça emergindo como a força triunfante que traz clareza e direção.

A terceira estrofe do Hino do Maranhão reforça a imagem da pátria como um símbolo maternal e heroico. A metáfora "A PÁTRIA É UMA MÃE QUE ABRAÇA" retrata o estado como um agente acolhedor e protetor, estendendo seus braços em união às "irmãs" (outras províncias ou estados), simbolizando solidariedade e integração. A glória é

descrita como um brilho que emana do semblante da pátria, evocando a metáfora "A GLÓRIA É UM BRILHO RADIANTE", sugerindo uma dignidade que transparece de dentro para fora. A imagem da pátria "envolta na tua luz celeste" evoca a metáfora "A LUZ É UMA FORÇA DIVINA E PROTETORA", posicionando o Maranhão como guiado por uma orientação superior e envolto em uma aura transcendente. Por fim, o avanço da pátria é descrito pela metáfora "A PÁTRIA É UMA CAMINHANTE HEROICA", destacando um movimento contínuo de progresso e perseverança com base em um legado de luta e honra. Essa estrofe celebra o Maranhão como uma figura digna, heroica e protetora, integrando valores de solidariedade, glória e progresso em sua identidade.

A quarta estrofe do Hino do Maranhão exalta a força e a determinação da pátria ao confrontar e repelir invasores e opressores. A metáfora "A PÁTRIA É UMA DEFENSORA QUE REPELE AMEAÇAS" posiciona o Maranhão como uma entidade poderosa, capaz de reprimir o "flamengo aventureiro", representando as forças externas que ameaçavam a ordem. O mar, descrito como refúgio dos derrotados, evoca a metáfora "O MAR É UM REFÚGIO PARA OS DERROTADOS", simbolizando a retirada forçada do invasor e o triunfo da pátria. O confronto com o "luso" após dois séculos ativa a metáfora "A OPRESSÃO É UMA SOMBRA QUE DEVE SER ENFRENTADA", indicando um ato de resistência e afirmação de autonomia contra a herança colonial. Por fim, a liberdade é descrita como o Sol que dá vida, utilizando a metáfora "A LIBERDADE É O SOL", conectando a ideia de liberdade à luz e à renovação, essenciais para o desenvolvimento e sustento da pátria. Essa estrofe enaltece o Maranhão como uma força defensora, capaz de resistir e superar ameaças externas, com a liberdade sendo a base para a renovação e crescimento contínuo da nação.

A quinta estrofe do Hino do Maranhão conclui a narrativa com uma visão otimista e grandiosa do futuro da pátria. A metáfora "O FUTURO É UMA ESTRADA ESPLENDENTE" apresenta o futuro como um caminho iluminado, cheio de promessas e realizações, transmitindo uma visão de esperança e sucesso. O olhar altivo e sobranceiro reforça a metáfora "O OLHAR É UM SÍMBOLO DE CONFIANÇA E ORGULHO", simbolizando a postura confiante do Maranhão diante dos desafios e oportunidades que virão. A continuidade entre passado e futuro é destacada pela metáfora "O FUTURO É O LEGADO DAS GLÓRIAS DO PASSADO", sugerindo que as conquistas históricas servirão como base para construir um amanhã ainda mais glorioso. Por fim, a metáfora "A EXISTÊNCIA É UMA JORNADA DE GLÓRIA CONTÍNUA" apresenta a vida da pátria

como um ciclo perpétuo de vitória e honra, consolidando o Maranhão como um estado cuja identidade é marcada pela realização constante. Essa estrofe finaliza o hino com uma mensagem inspiradora e confiante, exaltando o Maranhão como uma pátria de glórias passadas e promessas futuras, cuja existência é inteiramente dedicada à vitória e ao progresso.

O Hino do Maranhão constrói uma narrativa épica e celebratória que exalta a história, os valores e a identidade do estado. Por meio de metáforas conceituais e imagens poéticas, o texto apresenta o Maranhão como uma pátria heroica e protetora, que honra seu legado enquanto projeta um futuro promissor.

A primeira estrofe introduz o contexto histórico, destacando os sons e ecos do passado, e conectando a natureza e a guerra à preservação da memória coletiva. As metáforas ressaltam a relação entre som e história, e celebram a luta como um marco essencial para a construção da identidade estadual.

O refrão reforça a imagem da pátria como uma mãe protetora e amorosa, criando uma forte conexão emocional e histórica com os habitantes. A pátria é retratada como um espaço de glória contínua, onde a memória dos heróis e ancestrais se entrelaça com os valores do presente.

Na segunda estrofe, o hino aprofunda a narrativa heroica ao enfocar o conflito entre forças opostas, simbolizando a luta entre vida e morte, vitória e derrota. A metáfora da luz dourada como símbolo de justiça reflete a busca pela ordem e pela dignidade, conectando a glória à justiça e à verdade.

A terceira estrofe reafirma o papel da pátria como cuidadora e líder, unindo as províncias e sendo guiada por uma luz celestial. O Maranhão é celebrado como um espaço de progresso contínuo, fundamentado em seu legado heroico de perseverança.

Na quarta estrofe, a resistência e a autonomia conquistadas pelo estado são destacadas. A metáfora da liberdade como o Sol simboliza a emancipação e a renovação como bases para a construção de uma identidade própria, ressaltando a força da pátria na defesa contra ameaças externas.

Finalmente, a quinta estrofe projeta o futuro do Maranhão como uma trajetória brilhante, onde as conquistas passadas servem de alicerce para a construção de um amanhã

ainda mais glorioso. A existência da pátria é apresentada como uma jornada contínua de sucesso e honra.

O Hino do Maranhão, por meio de suas metáforas e imagens poéticas, constrói uma narrativa que une memória histórica, celebração de valores heroicos e esperança no futuro. Ao conectar o passado glorioso à força do presente e às promessas de progresso, o hino exalta o Maranhão como uma pátria de luta, glória e luz. Sua identidade é marcada pela resiliência, união e renovação, com o uso das metáforas reforçando a conexão entre o abstrato e o concreto. O texto se torna, assim, um símbolo poderoso de orgulho e pertencimento para seus habitantes.

6.2 Versão 1 & versão 2

Aqui pretendemos analisar as duas versões da tradução do Hino do Maranhão, enfocando as mudanças e a evolução do processo tradutório, especialmente no que tange ao tratamento das metáforas. A primeira versão foi elaborada de maneira empírica, com base na experiência prévia como tradutor/intérprete de Libras e no conhecimento sobre a língua portuguesa, Libras e a história do Maranhão. Essa versão inicial teve como objetivo criar uma tradução acessível e funcional, adaptada à realidade prática de tradutores que lidam com recursos limitados, ao mesmo tempo em que procurava preservar a riqueza simbólica e cultural do texto original.

Porém, ao longo das discussões e análises subsequentes, foi possível perceber que a aplicação das metáforas conceituais poderia aprofundar o significado da tradução. A segunda versão da tradução foi então orientada pelas reflexões sobre essas metáforas, com base na teoria cognitiva de Lakoff e Johnson, que investiga como a linguagem e os significados são processados e moldados por experiências e contextos. Nesse novo processo, buscou-se identificar metáforas nativas de Libras que pudessem gerar efeitos semelhantes aos do texto original no público-alvo, resultando em uma tradução mais refinada e alinhada às necessidades cognitivas e culturais da comunidade surda.

Esta análise se propõe a investigar como essas abordagens distintas influenciaram a construção dos sentidos e a efetividade da tradução, levando em consideração as mudanças na forma e no conteúdo das metáforas entre as duas versões.

Quadro 14: 1ª versão da tradução e da 2ª versão da tradução

	
Primeira Versão da Tradução [00:00 - 00:29] glosa	Segunda Versão da Tradução [00:00 - 00:39] glosa
1 - Estrofe do Hino	1 - Estrofe do Hino
GUERRAS MUNDO APONTAR	AMÉRICA PASSADO MAPA DESTAQUE
OLHAR LUZES PISCANDO	GRAMA ÁRVORE+ NASCER-1 ÁRVORE-2 ÁRVORE TRÊS
GUERRAS BARCOS+ CANHÃO+ TIRO	FLORESTA+ MOVIMENTO VER ATENÇÃO
DESVANECER MÚSICA	CENTRO CANHÃO BOMBA EXPLOÇÃO
PALMAS/FESTA VENCER PALMAS	CÉU GUERRA MOVIMENTO DESVANECER PALMAS
Refrão do Hino [00:29 - 01:00] glosa	Refrão do Hino [00:29 - 01:00] glosa
PALMAS PALMAS PAÍS AMOR	PALMAS RETANGULO LISTRAS ESTRELA BANDEIRA
MARANHÃO MANJEDOURA AQUI CAMPEÃO	PALMAS MARANHÃO PASSADO CAMPEÃO CAMPEÃO RESUMO GLÓRIA ++ DIVISAS,
GLÓRIA DIVISAS V-O-V-O FAMÍLIA GERAÇÃO PROTEÇÃO	ANTEPASSADO HONRAR PROTEJER
GLÓRIA DIVISAS FAMÍLIA GERAÇÃO PROTEÇÃO	ADMIRAÇÃO PALMAS CORAÇÃO REVERENCIA

2 - Estrofe do Hino [01:00 - 01:28] glosa	2 - Estrofe do Hino [01:12 - 1:44] glosa
GUERRA MORTE VIDA VENCER GLÓRIA	VOCÊ CORAGEM CONFRONTO EMPURRA
VOCÊ INVASÃO VERGONHA DESVANECER	VAI EMBORA MAR BARCO EMBORA
EXPULSÃO CARA CAIR QUEBRAR EXPULSÃO	DOIS SÉCULOS DEPOIS DESVINCULA LIBERDADE
MOSTRAR DIREITO CONQUISTA POSSE PALMAS	SOL BRILHA DAR VIDA LIBERDADE
GLÓRIA GLÓRIA LUZ LUZ	SOL DAR VIDA
3 Estrofe do Hino [03:00 - 03:27] glosa	3 Estrofe do Hino [03:28 - 03:57] glosa
AJUDAR AJUDAR UNIR GLÓRIA GLÓRIA	FORMA MAPA REGIÕES REGIÃO MARANHÃO UNIR
BELEZA BELEZA LEMBRAR CÉU LUTA	BRILHAR BRILHAR BRILHAR RETÂNGULO LISTRA LISTA
CÉU PROTEGER LUTA SUCESSO PALMAS	ESTRELA CÉU ABENÇOAR AVANÇAR
	CÉU ABENÇOAR GRAMA BANDEIRA PRA FRENTE
	VENCER VENCER AVANÇAR
4 - Estrofe do Hino [01:58 - 02:29] glosa	4 - Estrofe do Hino [02:23 - 02:50] Glosa
VOCÊ CORAGEM CONFRONTO EMPURRA	AMÉRICA EUROPA BARCO BANDEIRA
VAI EMBORA MAR BARCO EMBORA	MOSTRA DIREITO POSSE EXPULSA TEMPO
DOIS SÉCULOS DEPOIS DESVINCULA LIBERDADE	DESVINCULAR BANDEIRA BRILHAR BRILHAR
SOL BRILHA DAR VIDA LIBERDADE SOL DAR VIDA	DESVINCULAR BANDEIRA BRILHAR BRILHAR

5 - Estrofe do Hino [03:57 - 4:25] glosa	5 - Estrofe do Hino [04:37 - 05:05] glosa
AVISTAR FUTURO CORAGEM	BANDEIRA REVERÊNCIA ESTÁ
LEMBRAR ATRÁS GLÓRIA GLÓRIA	PASSADO GLÓRIA GLÓRIA RESUMO
FRENTE LEMBRAR PASSADO	BANDEIRA FRENTE ABENÇOAR BANDEIRA PEITO
GLÓRIA GLÓRIA	BANDEIRA PALMAS FUTURO
FRENTE GLÓRIA COMPLETO GLÓRIA	ABENÇOADO GLÓRIA GLÓRIA PALMAS

Acima foi disposta o QR Code que dá acesso ao vídeo da primeira versão da tradução na coluna da esquerda, seguida da glosa estrofe por estrofe incluindo o refrão e na coluna da direita a mesma disposição foi feita com os mesmos elementos para que nessa análise comparativa os objetos alvo, a saber as versões de tradução, pudessem estar dispostos a fim de facilitar as retomadas. Vale salientar que propositalmente utilizamos versões de organização das estrofes distintas para demonstrar que na atualidade circulam versões do hino que alteram a ordem das estrofes do hino, tal mudança ocorre com mais frequência na 3ª e 4ª estrofes, mas para o esquema de análise que apresentamos acima seguimos a ordem das estrofes proposta na seção 5.1 do capítulo *A Pesquisa e seus Percursos Metodológicos* deste trabalho.

Uma mudança significativa entre a primeira e a segunda versão da tradução do Hino do Maranhão ocorre na interpretação do trecho "Entre os rumores das selvas seculares" da primeira estrofe. Na primeira versão, houve um equívoco de interpretação textual, no qual as "selvas seculares" foram compreendidas de forma errônea como sendo os países do mundo e os "rumores" como representações das guerras e disputas entre essas nações. Essa interpretação se baseou na ideia de que o Brasil, um país relativamente jovem, em contraste com nações mais antigas, com uma história de aproximadamente 500 anos desde a chegada dos portugueses.

Entretanto, após a revisão das análises do texto fonte, sustentadas pela Teoria das Metáforas Conceituais (TMC), compreendeu-se o equívoco. O trecho "rumores das selvas seculares" traz como metáfora conceitual: "A NATUREZA É UMA GUARDIÃO DO PASSADO" fazendo referência às florestas do Maranhão e do Brasil, que são antigas e preservam a memória de séculos de história. A personificação das "selvas" pelo autor, ao retratá-las como testemunhas vivas da história, leva a uma nova compreensão, que destaca o papel das florestas na preservação e transmissão de memória cultural e histórica, em vez de remeter a um conceito de guerra entre países.

Essa nova interpretação, alinhada com a metáfora do texto fonte, orientou à decisão de modificar a tradução na segunda versão, de forma que se aproximasse mais do sentido original.

Para isso, foi necessário revisar as versões de tradução do Hino Nacional em Libras, realizadas por tradutores surdos, que foram elencadas em nosso levantamento. Buscamos, assim, sinalizações nativas que refletissem a riqueza simbólica e cultural das "selvas seculares" e identificamos metáforas visuais que poderiam ser aplicadas à tradução. Fazemos um destaque, para este trecho, a utilização de elementos das versões de tradução do Hino Nacional de Bruno Santos e Adriana Veiga, que apresentavam soluções visuais mais alinhadas com a metáfora presente no texto fonte, chegando a metáfora conceitual na Libras “A NATUREZA É TESTEMUNHA HISTÓRICA”, respeitando a linguagem e os símbolos culturais de Libras.

Outra alteração significativa na primeira estrofe da tradução ocorre na representação das "bombardas nos combates". Na primeira versão, essas "bombardas" foram interpretadas como canhões embarcados em barcos e/ou navios. Após uma análise mais aprofundada do texto e uma revisão histórica, decidimos alterar essa representação na segunda versão da tradução para que as "bombadas" fossem associadas a canhões em terra. Essa mudança faz referência ao **Forte de Santo Antônio**, um marco histórico erguido no final do século XVII, localizado em São Luís, no Maranhão, que foi palco de importantes momentos de combate na história local. A alteração visa trazer uma contextualização mais fiel à história do Maranhão, alinhando a tradução com a paisagem e os eventos históricos reais que o autor do Hino pode ter tido em mente ao construir a metáfora. A decisão de adaptar a imagem do canhão em navio para o canhão em terra também fortalece a conexão do Hino com a realidade geográfica e histórica do estado, contribuindo para uma maior precisão na representação simbólica da resistência e da luta que são celebradas no texto.

Ainda na análise da primeira estrofe do Hino do Maranhão, foram identificadas mais três metáforas que passaram por modificações significativas entre a primeira e a segunda versão da tradução, com o objetivo de alinhá-las melhor ao contexto visual da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com base na Teoria das Metáforas Conceituais (TMC). A primeira alteração ocorreu na metáfora do espaço. Na versão inicial, a ideia de "espaço vibrando" foi traduzida de forma a referir-se a batalha de navios no mar e agora com o deslocamento ela tem um local específico de partida, lembrando que a ênfase no verbo "ouvir" no TF. No entanto, ao refletirmos sobre o uso na Libras, a metáfora foi reformulada para "olhos vivos atentos", deslocando a percepção da vibração para um enfoque visual, que é mais pertinente à língua de sinais, onde o olhar tem papel central na comunicação e no entendimento de sentidos.

Em seguida, a metáfora que associava a luta a um espetáculo audível no TF foi modificada para a versão "a luta é um espetáculo visual". Essa mudança visou destacar a forma como a luta, no contexto da tradução para Libras, é expressa de maneira visual. Em vez de representar os combates de forma sonora, como sugerido pela ideia de “bombadas”, buscamos ressaltar a explosão das bombas por meio de sinais de luz, um recurso visualmente mais condizente com a língua de sinais, que se apoia na expressão facial e no movimento das mãos para transmitir intensidade dos disparos, percurso e impacto.

Por fim, a metáfora do festival, inicialmente apresentada como "uma ponte temporal", foi alterada para "festival desde o passado até o presente". A modificação teve o intuito de tornar a continuidade temporal mais clara e visualmente acessível. Em Libras, a direção do movimento, desde o ponto onde a sinalização acontecia do passado até a frente do corpo, indica a transição para o presente, marcando uma conexão direta entre os momentos da história. Esse movimento também destaca o contato visual, essencial na língua de sinais, para fortalecer o vínculo entre passado e presente.

No refrão do Hino do Maranhão, as principais alterações na tradução foram orientadas pela compreensão proporcionada pela Teoria das Metáforas Conceituais (TMC). Essa teoria contribuiu para que identificassem os conceitos fundamentais expressos no TF, como "A Pátria é uma Mãe", "A Pátria é um Legado Heróico", "A Glória é um Emblema de Valores" e "O Poder dos Ancestrais como Legado Divino". Essas metáforas nos guiaram no processo de adaptação para a Libras, considerando as especificidades da língua e os símbolos culturais da comunidade surda.

Uma das mudanças mais significativas envolveu a escolha de metáforas visuais da Libras que pudessem transmitir os conceitos do TF de maneira culturalmente relevante no TA. Foi pensar na produção histórica da comunidade surda, decidimos incorporar elementos que representassem os valores eleitos pela própria comunidade. Nesse sentido, foi importante lembrar do trabalho pioneiro de Nelson Pimenta, especialmente do poema da Bandeira, que por muitos anos teve um status simbólico comparável ao do Hino Nacional para a comunidade surda. Como afirmam Sutton-Spence e Machado (2023), “No entanto, a homenagem à bandeira nacional em Libras começou em 1999 com o poema de Nelson Pimenta Bandeira Brasileira, [que] tem uma função semelhante ao hino nacional, por explicar e descrever em Libras o significado por trás da bandeira no contexto do orgulho nacional e respeito pela bandeira

quando as pessoas a honram” (p. 143). Essa referência reforça o papel simbólico que a bandeira desempenha como um elemento de identificação cultural e histórica na comunidade surda.

Com base nesse referencial, adaptamos as metáforas conceituais do refrão para metáforas em Libras que incluíssem descrições visuais da Bandeira do Maranhão. Esse elemento descritivo serviu para conectar a ideia de "glória" e "ancestralidade" a símbolos que ressoam na memória cultural da comunidade surda. Além disso, fizemos uma adaptação para o termo “por numen” personalidade (pessoas divinas) termo/expressão original do latim, traduzindo-o para o conceito contemporâneo de "ancestralidade", termo amplamente utilizado e compreendido na comunidade surda.

A segunda estrofe do Hino do Maranhão apresenta, no texto em português, metáforas marcantes, como "a guerra é um espetáculo de contrastes entre vida e morte", "a vitória é uma conquista divina", "a glória é entrelaçada à vitória", "a morte como o fim de um ciclo", "a falha do invasor (audácia caindo)", e "a luz como um símbolo de justiça e verdade, o direito iluminando". Essas imagens poéticas foram reinterpretadas na transposição para Libras, especialmente entre a primeira e a segunda versão da tradução, para enfatizar a dicotomia entre vida e morte e destacar de forma mais clara a justiça e o direito presentes no texto fonte. Embora possa ser lido como uma reivindicação de posse do território pelos portugueses – sob a justificativa da "legalidade" associada à sua chegada ao Maranhão como acredita-se serem os primeiros europeus –, o autor não deixa essa interpretação totalmente explícita.

Para a segunda versão da tradução, trabalhamos com metáforas conceituais que dialogassem com as possibilidades visuais da Libras. Assim, "a guerra" foi traduzida como um "conflito visualizado por contrastes entre morte e vida"; "vitória" e "glória" foram representadas como elementos inseparáveis; e "a morte do invasor" simbolizou o "fim da ameaça". A "luz dourada" associada à justiça e à clareza foi mantida como um elemento central, adaptando-se às possibilidades da língua de sinais.

Buscando realçar a dicotomia vida e morte, vitória e derrota, incorporamos a imagem de uma balança, amplamente reconhecida como um símbolo de justiça e equilíbrio. A vitória foi representada como uma conquista que traz consigo o direito e a glória, marcando a legitimidade da expulsão do invasor. Para traduzir "caía do invasor a audácia", utilizamos na Libras o sinal de "expulsão", que enfatiza a força do ato, e metáforas visuais como "cara cair" e "cara quebrada", que expressam a derrota do invasor de forma dinâmica e contundente. Por

fim, para representar a "luz dourada" e sua associação com justiça e verdade, utilizamos sinais que evocam palmas e glória, reforçando a ideia de celebração e iluminação descrita pelo autor.

Na terceira estrofe, o texto em português apresenta metáforas conceituais como "a pátria é uma mãe que abraça, estende os braços para suas irmãs", "a glória é um brilho radiante, emanando do semblante da pátria", "a luz como símbolo de força divina e orientação, envolta em proteção" e "a pátria como uma caminhante heróica, sempre avançando com honra". Essas imagens reforçam o papel da pátria como um ente (personificação) protetor e glorioso, iluminado por sua força divina e simbolicamente representado por sua capacidade de unir e guiar.

Na primeira versão da tradução para Libras, esses conceitos ainda não estavam plenamente claros, o que motivou um aprofundamento na interpretação das metáforas conceituais presentes no texto fonte. Com base em pesquisas históricas, identificamos as disputas pelos territórios do norte do país e a divisão política do Brasil na época em apenas duas regiões – norte e sul. Essas descobertas ajudaram a orientar a segunda versão da tradução, que buscou explorar a visualidade como recurso central para uma representação mais clara na Libras.

Na segunda versão, utilizamos a descrição visual do mapa do Brasil e a inclusão de elementos visuais da bandeira do Maranhão, reforçando-a como um símbolo de luz e glória. A metáfora "a luz como um símbolo de justiça e verdade" foi adaptada para Libras com sinais que destacam a luz irradiando como força protetora e guia. A pátria, como "mãe que abraça", foi representada de forma descritiva, mostrando os braços abertos, envolvendo suas "irmãs", numa alusão visual às regiões ou territórios conectados. Além disso, a metáfora "glória como brilho radiante" foi traduzida com sinais que evidenciam o brilho emanando do semblante, reforçando a ideia de uma pátria heroica e unificadora.

Essas mudanças permitiram uma aproximação às metáforas do texto fonte, garantindo que a narrativa de união, proteção e glória fosse reinterpretada de forma significativa na Libras.

Na quarta estrofe, as metáforas conceituais em português incluem "o flamengo é um inimigo que é dominado, reprimido pela força da pátria", "o mar é um refúgio, um lugar de segurança para os invasores derrotados", "o 'luso' é um símbolo de opressão que é confrontado após dois séculos" e "a liberdade como o Sol que alimenta e dá vida à pátria". Esses conceitos

reforçam o papel da pátria como uma força vitoriosa que supera seus inimigos, preserva a liberdade e ilumina o futuro de seus filhos.

Na adaptação para a Libras, buscamos contemplar o entendimento das metáforas conceituais no contexto visual da língua. Resgatamos a metáfora inicial do mapa-múndi das Américas, já utilizada na introdução do hino, como um recurso visual que dialoga com o texto na Libras trazendo uma sensação de unicidade e com a experiência da comunidade surda. Essa abordagem foi inspirada nos trabalhos de Bruno Santos e Adriana Veiga, como citado anteriormente, que destacam a importância de elementos visuais geográficos para representar a historicidade na Libras.

Embora o texto fonte mencione "flamengo aventureiro" como uma referência histórica à tentativa de invasão dos holandeses em São Luís, a falta de clareza explícita no texto nos levou a reinterpretar essa metáfora representando o inimigo como um navio vindo da Europa em direção ao Brasil e sendo este repellido, simbolizando visualmente a expulsão do invasor.

Além disso, incluímos a marcação da independência do Maranhão em relação a Portugal, um fato histórico relevante, já que o estado foi o último a aderir à independência brasileira. Nesse contexto, a bandeira foi utilizada novamente como um símbolo central, representando a pátria iluminada pelo Sol, que dá vida e liberdade ao seu povo. A metáfora "a liberdade como o Sol" foi traduzida com sinais que enfatizam a luz irradiando como fonte de vida, força e emancipação.

Essas adaptações permitiram reforçar o alinhamento entre as metáforas do texto fonte e as metáforas visuais da Libras, no texto alvo, criando uma narrativa coesa e culturalmente significativa para a comunidade surda.

A quinta e última estrofe do Hino do Maranhão apresenta metáforas conceituais que enfatizam a continuidade e o otimismo em relação ao futuro. Entre elas destacam-se: "o futuro como uma estrada esplendente, cheia de glórias e promessas", "o olhar como sinal de determinação e confiança, ativa e sobranceira", "o futuro como o legado das glórias do passado" e "a existência como uma trajetória de glória contínua". Essas metáforas sugerem que o futuro do Maranhão é construído a partir do legado do passado, em uma jornada ininterrupta de conquistas e honra.

Na adaptação para Libras, as metáforas foram traduzidas para conceitos que respeitam a visualidade da língua e o entendimento cultural da comunidade surda. Identificamos os seguintes conceitos em Libras: "a vida é um caminho", representada por sinais que indicam uma trajetória brilhante e promissora à frente, "sinais de olhar firme", reforçando a postura ereta e a confiança como símbolos de orgulho, "sinais que conectam o presente com o passado", demonstrando a continuidade histórica, e "sinais que indicam uma caminhada contínua de vitória e honra", simbolizando o progresso e as conquistas futuras.

Na segunda versão da tradução, realizamos alterações significativas para alinhar as metáforas com o texto em Libras previamente tecido ao longo do hino. Retomamos a figura da bandeira, que funciona como a personificação do conceito de pátria adotado pelo autor. A bandeira, nesse contexto, torna-se um elemento central: ela não apenas simboliza a pátria, mas também atua como um elo que rememora as glórias do passado e abençoa o futuro com promessas de continuidade e aclamação.

Além disso, utilizamos o recurso visual das palmas como aclamação, reforçando o caráter celebrativo e unificador da bandeira. Assim, a bandeira emerge como o símbolo maior de conexão entre as glórias passadas e as promessas futuras, reiterando o papel da pátria como uma guia na trajetória contínua de vitória e honra.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo produzir uma versão da tradução do Hino do Maranhão, de forma que as metáforas presentes no texto-fonte, em português brasileiro, fossem adequadamente contempladas no texto-alvo em Libras, mantendo as camadas de significados e os efeitos. Neste trabalho não conseguimos estender nossas investigações a uma pesquisa de recepção, pelos fatores limitantes inerentes tempo, recursos e as questões que desafiam todo e qualquer pesquisador brasileiro, principalmente pelos protocolos hoje estabelecidos para esse tipo de pesquisa, mas é uma pesquisa que, se replicada, trará contribuições relevantes a estudos com temáticas equivalentes.

Procurou-se, contudo, perseguir a singularidade na escrita acadêmica e na pesquisa propriamente dita, desafiando em um tempo de mercantilização da formação. Estas foram reflexões trazida pela Sônia Almeida, em aulas do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA¹². Tivemos a oportunidade de nos debruçarmos sobre sua produção que a esse respeito que nos diz que:

"Indo por um conceito de singularidade que implica o pôr-de-si do pesquisador naquilo que ele faz, inferimos que a singularidade não é localizável. [...] A singularidade, pensada por este ângulo, não é um fazer linguístico, nem uma tessitura textual, mas uma manifestação discursiva que resulta não exatamente de um dizer, mas de um fazer ontológico, ou seja, próprio do ser, e como a ontologia é a do ser social, a singularidade resulta de um fazer socioideológico" (ALMEIDA, 2011, p. 25 e 26).

Os hinos, como textos patrimoniais, protocolares e solenes, possuem a função de despertar sentimentos de patriotismo, nacionalismo e identidade coletiva, essenciais para reforçar o senso de pertencimento. Contudo, ao considerarmos a tradução para Libras, surgiram questionamentos sobre a “traduzibilidade” das metáforas conceituais, especialmente no que diz respeito à preservação das camadas de sentido e à conexão emocional com o público surdo. A pesquisa, portanto, buscou responder se seria possível produzir um texto traduzido com efeitos semelhantes ao texto fonte, de modo que a comunidade surda pudesse se conectar ao hino sem que as metáforas perdessem sua profundidade simbólica e cultural.

Neste percurso, fomos guiados por duas teorias com objetos distintos, mas que no nosso entendimento se complementam. A primeira é a teoria da tradução funcionalista de Nord

¹² Nas aulas com a Professora Sônia Almeida tivemos a oportunidade de discutir questões, cujo eco reverbera no pesquisador que me tornei. Ela nos advertiu que isso faria a diferença do nosso legado para o daqueles que buscam apenas uma outorga de grau sem que contribua de fato as áreas de conhecimento.

(2006), que contribui de maneira relevante ao romper com a teoria do escopo, trazendo ao público alvo da tradução uma adequação. Essa abordagem propõe que o texto traduzido seja visto como um produto direcionado a um público específico, com funções que atendem às demandas daquele que o solicitou, ou seja, que seja funcional para o cliente.

A segunda teoria é a Linguística Cognitiva, especificamente a teoria das metáforas conceituais, de Lakoff e Johnson (1980). Esses autores argumentam que as metáforas não são apenas adornos estilísticos, mas representações cognitivas que moldam o nosso pensamento, pois pensamos por metáforas, ou seja, “uma coisa em termos de outra”. No entanto, essa teoria foca suas investigações no uso cotidiano da linguagem, e não no contexto da tradução.

A proposta de intersecção entre essas duas teorias nos leva a refletir: como um texto traduzido pode não ser funcional, se o tradutor não considerar os acionamentos mentais provocados pelas suas escolhas tradutórias, sem considerar seu público-alvo específico. Ao investigar as contribuições da Linguística Cognitiva, especialmente no que diz respeito às metáforas conceituais, obtivemos resultados promissores. Uma vez que ao aplicarmos os fundamentos da teoria no texto antes traduzido, revisamos a tradução das metáforas do hino à luz da Teoria da Metáfora Conceptual – TMC, trazendo contribuições de metáforas já produzidas e de circulação na língua alvo, que atendessem à necessidade da segunda versão da tradução.

Este percurso afetou nossa produção, que sofreu várias correções de rota. Os resultados sugerem que um tradutor capaz de compreender as metáforas conceituais, acionadas no texto, fará escolhas mais conscientes, que dialogam com os modos de pensar dos indivíduos de suas línguas de trabalho.

O tradutor precisa possuir uma imersão mais profunda nas dimensões culturais, linguísticas e cognitivas das comunidades e povos cujas línguas ele traduz. A escolha das metáforas não é aleatória e o trabalho linguístico se torna mais árduo por isso, pois o processo tradutório envolve, também, questões extralinguísticas; trata-se de uma forma de compreender, significar e existir no mundo, conforme a Linguística Cognitiva propõe.

Ao longo desta pesquisa, constatamos e reafirmamos algo que, embora não seja uma afirmação inédita, merece ser enfatizado: não é possível que um tradutor de língua de sinais exerça sua profissão desconectado dos falantes de suas línguas de trabalho. Para se atualizar,

ele deve compreender não apenas como as pessoas falam, mas também como pensam e expressam esse pensamento.

O presente estudo então apresenta uma promissora investigação que contribui apontando caminhos para o campo da tradução e interpretação, requisitando esse poderoso instrumento que são as análises das MC propostas pela linguística cognitiva. Apresentando uma consolidada teoria que procura dar conta dos desafios tradutórios na transposição de conceitos metafóricos de uma língua a outra, seja na atuação tradutória, seja na atuação interpretativa. Ainda mais se considerarmos as questões de modalidade linguística, realidade dos TILSP.

Uma vez que o TILSP inclui uma análise com base na TMC em seu processo tradutor, os benefícios se refletem na comunidade surda que contará de produtos de maior qualidade o que contribuirá para acessibilidade e inclusão. A tradução em essência é uma atividade inclusiva e acessível, quando exercida com responsabilidade com todos os envolvidos, e isso inclui os saberes específicos dos procedimentos para realização de uma tradução.

Embora a pesquisa tenha explorado com profundidade o Hino do Maranhão e tenha tido um olhar atento às teorias e caminhos metodológicos, as versões aqui propostas poderiam ter sido submetidas a uma etapa de validação por membros da comunidade surda. Nesse processo, verifica-se questões quanto à estética de recepção e à aceitação de adaptações como as propostas. Além disso, a análise ficou restrita à perspectiva textual e visual, sem abordar as questões de performances artísticas de execução do Hino do Maranhão em Libras.

A primeira versão da tradução do Hino do Maranhão para Libras foi elaborada de forma instrumental, com o objetivo de servir de base para uma análise comparativa entre o texto original, em português brasileiro, e sua versão na língua de sinais. O processo investigativo permitiu identificar as metáforas presentes no texto original, avaliar como elas foram representadas na tradução e examinar se o sentido metafórico do texto-fonte foi adequadamente construído no texto-alvo.

Para a segunda versão, foi fundamental recorrer a estudos complementares que trouxessem referências sobre como a comunidade surda pensa e significa o mundo por meio de metáforas visuais e conceituais. Trabalhos como os de Faria-Nascimento (2003), Silveira Junior (2018) e Monteiro (2023) foram imprescindíveis, ao evidenciarem a riqueza das metáforas visuais em Libras e os recursos do Visual Vernacular (VV) enquanto expressão estética e cognitiva. Esses estudos, aliados à análise de produções sinalizadas da comunidade surda,

disponíveis em plataformas digitais, reafirmaram a importância de compreender as metáforas conceituais em ambas as línguas e culturas para alcançar uma tradução que respeite as especificidades culturais e linguísticas da Libras. Assim nossa pesquisa sugere que a abordagem de análise das metáforas conceituais pode contribuir significativamente, desde que aplicada de forma a considerar as particularidades e a profundidade metafórica de ambas as línguas envolvidas.

As adaptações propostas podem servir como base para a tradução de outros hinos e textos patrimoniais e de outros gêneros que carregam metáforas em Libras, promovendo maior acessibilidade cultural e inclusão. Além disso, o estudo pode orientar a formação de tradutores e intérpretes no uso de metáforas visuais/metáforas conceituais presentes na comunidade surda.

Futuras pesquisas podem explorar a recepção da tradução do Hino do Maranhão pela comunidade surda em contextos educacionais ou cívicos. Além disso, seria relevante investigar a tradução de outros textos históricos e culturais utilizando a abordagem das metáforas conceituais em Libras.

Esta pesquisa reafirma o papel da tradução como um ato de mediação cultural e reforça a importância de representar, em Libras, os valores e símbolos que constituem o patrimônio histórico de uma nação. Reconhecemos os avanços que o programa PG Letras – UFMA vem tendo com a adequação da linha de pesquisa “Descrição e Análise do Português Brasileiro” para “Descrição e Análise Linguística do Português Brasileiro e de outras Línguas Naturais”. O programa e o Estado do Maranhão ganhariam ainda mais com a implementação de uma linha de pesquisa que contemplasse os Estudos da Tradução. Assim, ao traduzir o Hino do Maranhão, dando visibilidade à comunidade surda ludovicense, em sua primeira língua, este estudo contribui não apenas para a inclusão, mas também para a valorização da diversidade linguística e cultural.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Bíblia de Referência Thompson: com versículos em cadeia temática; Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida – Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2010.

ALBRES, Neiva de Aquino.; O Voo Sobre o Rio; da poetisa surda Fernanda Machado: Estudos da Tradução e Estudos Linguísticos Articulados. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2020.

ALBRES, Neiva de Aquino; ALVES, Anderson Rodrigues. Tradução comentada da poesia em Libras “Você está com medo? Ele não é mal” para o português. Revista Contexto. Dossiê Literatura e tradução, (n. 40). UFES, 2021. ISSN: 2358-9566. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/31154>.

ALBRES, Neiva de Aquino; RODRIGUES, Carlos Henrique; NASCIMENTO, Vinícius (org.). Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: Contextos profissionais, formativos e políticos. Florianópolis: Editora Insular, 2022.

ALVES, Ademario Diego Feitosa. Comentário simples do art. 7º da Constituição do Estado do Maranhão. Portal Jusbrasil, 2000. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/comentario-simples-do-art-7-da-constituicao-do-estado-do-maranhao/118377222#:~:O%20Hino%20Maranhense%20lembra%3A%20Na,dos%20holandeses%20e%20os%20dois>. Acesso em: 07 Agosto de 2024.

ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia. Introdução à Libras: língua, história e cultura. Curitiba: Ed UTFPR, 2015.

ALEMA. Constituição do Estado do Maranhão, incluindo a Emenda Constitucional nº 50 de 16 de janeiro de 2006. 3. ed. atualizada, ampliada e revisada. São Luís: ALEMA, 2007.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 2020.

BARROS, Ricardo Oliveira. Tradução de poesia escrita em Libras para a língua portuguesa. 2020. 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2020.

BRASIL. Decreto 5.626/05 de 22 de dezembro de 2005. Este regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o artº 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 30 de out de 2020.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2 set. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em 30 de out de 2020.

BRASIL. Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023. Reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília,

DF, 26 out. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm. Acesso em 30 de out de 2020.

BRASIL. Lei 10.436/02 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 30 de out de 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: Acesso em 30 de out de 2020.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de língua de sinais brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRITTO, Paulo Henrique. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. Org. KRAUSE, Gustavo Bernardo. As margens da tradução. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002, pp. 54-67.

CADEIRA 16 – ANTÔNIO BARBODA DE GODOIS - PATRONO. Revista (eletrônica) da Academia Ludovicense de Letras, v. 3, n. 4, p. 86-87, out.-dez. 2016. Publicado por Leopoldo Gil Dulcio Vaz. Disponível em: https://issuu.com/leovaz/docs/all_em_revista_-_volume_3_numero_4/87. Acesso em: 15 de julho de 2024.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. Dos Manuais Didáticos à Compreensão do Aprendiz: a Relevância da Metáfora no Ensino-Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (IEL). 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva. 2014. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Doutorado Interinstitucional – DINTER, Fortaleza, 2014.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL (CBM-DF). Hino Nacional Brasileiro. 2025. Disponível em: <https://www.cbm.df.gov.br/hino-nacional-brasileiro/#:~:text=A%20oficializa%C3%A7%C3%A3o%20da%20letra%20do,2%20de%20setembro%20de%201971>. Acesso em: 14 fev. 2024.

DOS SANTOS, Wharley. A TRADUÇÃO PORTUGUÊS-LIBRAS EM DEBATES POLÍTICOS TELEVISIONADOS NO BRASIL: intermodalidade e competência interpretativa, 2020. Dissertação Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FARIA(-NASCIMENTO), Sandra Patrícia de. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. 2003. Dissertação Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FENEIS [site institucional]. Disponível em: <https://feneis.org.br/o-que-e/>. Acesso em 01 Setembro 2024.

FREIRE, E. L. Teoria interpretativa da tradução e teoria dos modelos dos esforços na interpretação: proposições fundamentais e inter-relações. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 22, p. 151-174, 2008

FERREIRA, Rony Márcio Cardoso; DUTRA, Luana Cavalieri de Alencar. A teoria antropofágica da tradução no Brasil: o caso Haroldo de Campos. *Revista de Estudos da Tradução*, v. 19, n. 2, p. 1-20, 2023. DOI: 10.5335/rdes.v19i2.14850. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v19i2.14850> . Acesso em: 28 out. 2024.

GALINDO, F. L. Aspectos da dinâmica complexa do processo de tradução. Análise de uma experiência de tradução literária do espanhol ao português. 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-06072006-195347/pt-br.php>>.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: AUBERT, Francis Henrik (org.). *A tradução: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 51-62.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Editora Cultrix: São Paulo, 2010. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.

LAKOFF, G; ESPENSON, J.; SCWARTZ, A. Master metaphor list. 2. ed. Berkeley: University of California, 1991. 212 p. Disponível em: <http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/>>. Acesso em: 15 fev. 2008.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução: Maria Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ., 2002. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

MONTEIRO, Cristiano José. Um estudo da Visual Vernacular (VV): cultura e literatura surda em diálogo com a estética da recepção. 2023. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed ULBRA, 2011.

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

QUADROS, Ronice Muller.; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

RIBEIRO, Arenilson Costa. *Literatura de cordel contemporânea: uma tradução prazerosa do par linguístico Português - Libras*. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)

– Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2020.

ROCHA, Gabriela Oliveira da. Aspectos do imaginário religioso nos Hinos Oficiais dos Municípios de Vitória/ES e Vila Velha/ES e sua relação com o ensino religioso. Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

RODRIGUES, Elizete; SOUZA, Vanderlei de. *Músicas sinalizadas na internet: isso é Libras? Aspectos morfológicos, sintáticos e morfossintáticos da Língua Brasileira de Sinais*. In: Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, 2, 2012. São Paulo. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Rodrigues_Souza_Musicas_sinalizadas_na_internet_Isso_LIBRAS_2012.pdf. Acesso em: 22/12/2024.

RODRIGUES, C. H. *Translation and Signed Language: highlighting the visualgestural modality*. Cadernos de Tradução, v. 38, p. 294-319, 2018b.

SILVA JUNIOR, Daltro Roque Carvalho da. METÁFORA EM LIBRAS: UM ESTUDO DE LÉXICO. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto (org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

STEINER, G. Depois de Babel: questões de linguagem e tradução. Tradução de Carlos Alberto Faraco. UFPR, 2005.

SOUSA, Geralda Fatima de; ANTUNES, Paulo Roberto. ETNOLINGÜÍSTICA: UMA BREVE INCURSÃO. Ágora – A revista científica da FaSaR – Ano I – nº 01 – Julho – 2017.

SUTTON-SPENCE, Rachel; MACHADO, Fernanda. **Poesia simbólica das bandeiras dos estados brasileiros: tradução ecfrástica em Libras**. *Revista Glauks*, v. 23, p. 133-150, 2023. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/377/270>. Acesso em: 24 dez. 2024.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? 2017.

VASCONCELLOS, M. L. BARTHOLAMEI, L. A. J. Estudos da Tradução I. Material didático do curso a distância Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2009.

VAZ, Leo (Org.). Revista Eletrônica da Academia Ludovicense de Letras, Volume 3, Número 1, 2006. Disponível em: https://issuu.com/leovaz/docs/all_em_revista_-_volume_3_n_mero. Acesso em: 10 dez. 2024.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. Introdução aos estudos da tradução. Florianópolis: UFSC, 2008